

# Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON

NOV 15 2006

THEOLOGICAL SEMINARY

## SUMÁRIO

O Nosso 33.º Aniversário . . . . .

Psicanálise, Bíblia e Espiritismo . . . . .

Nós e o Ano 2.001 . . . . .

Ramatís e a Ciência . . . . .

Memórias de um Espírita Baiano . . . . .

1º Centenário de «La Revue Spirite» . . . . .

Livros e Autores . . . . .

A Verdade e as Revelações . . . . .

Devemos ou não, comer carne? . . . . .

Esclarecimentos Necessários . . . . .

Kardec, no Centenário do «Livro dos Espíritos» . . . . .

Crônica Estrangeira . . . . .

Espiritismo no Brasil . . . . .

*Redação*

*Carlos Imbassahy*

*General Levino C. Wischral*

*V. O. Casella*

*Leopoldo Machado*

*Cicero Pimentel*

*Newton G. de Barros*

*Oswaldo Polidoro*

*Elpídio de Almeida Campos*

*Mário Cavalcanti de Mello*

*Aleixo Victor Magaldi*

*Redação*

*Redação*





## José da Costa Filho

Já tínhamos terminado a impressão desta edição da Revista, quando desencarnou, repentinamente a 5 do corrente, o nosso querido companheiro de redação, sr. José da Costa Filho.

A falta de tempo, e os atropêlos, coisa muito natural em tais ocasiões, não nos permite dar uma notícia detalhada sobre a vida deste abnegado e sincero apóstolo do Espiritismo, deste verdadeiro discípulo seguidor de Cairbar Schutel, o que faremos no nosso próximo número.

ANO XXXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1958 — NUM. 1

# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

## O Nosso 33.º Aniversário



UMPRINDO a sua tarefa na difusão do Espiritismo, estudando e noticiando tudo quanto se relaciona com esta grandiosa doutrina, que só encontra paralelo no véro Cristianismo, «Revista Internacional do Espiritismo» completa hoje, dia 15, o seu 33.º aniversário de fundação, de vez que foi fundada em 15 de Fevereiro de 1925.

Foi seu fundador o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que teve a seu lado outro grande idealista, Luiz Carlos de Oliveira Borges, que tomou conta da parte material, fornecendo a Cairbar papel, tipos e maquinário, enquanto êle, Cairbar, desenvolvia ativamente a parte espiritual da Revista.

O trabalho de propaganda deste órgão foi árduo, exigindo muita perseverança e paciência. Mas Cairbar, que sempre contava com o auxílio do Alto, com aquela fé de remover montanhas e transplantar sicómoros, conseguiu firmar a Revista no conceito dos estudiosos dos as-

suntos espíritas. E hoje «Revista Internacional do Espiritismo», que é, além de tudo, um órgão realmente cultural, é conhecida em quasi todos os recantos do país e até no estrangeiro, contando com apreciável número de assinantes, que aumentam diàriamente, o que nos alegra e anima no prosseguimento da obra.

Como os nossos prezados leitores sabem, êste órgão conta com os escritores mais apreciados no cenário espírita, daí a sua aceitação, principalmente no meio cultural. E temos ainda a observar que até no sertão esta Revista é apreciada, contando com um animador número de assinantes.

De nossa parte temos nos esforçado tanto quanto possível para pôr os nossos assinantes ao par de todos os fatos espíritas que se têm verificado no mundo todo. E é com satisfação que podemos dizer que o Espiritismo marcha a passos de gigante, tal a sua difusão em todos os meios sociais, contrariando sobremaneira os seus tenazes oposito-

res, que desejariam vê-lo reduzido a pó. Só o fato do Espiritismo crescer cada vez mais, desafiando os seus detratores, que se contam aos milhões, constitúe indício claro de que esta Doutrina está sendo amparada por Deus, pois se assim não fôsse já teria desaparecido. Os fenômenos espíritas são, naturalmente, a alavanca de Deus, e contra ela ninguém pode vencer, por mais poderoso que se julgue.

Ao registrarmos a passagem do 33.º aniversário desta Revista, queremos agradecer a todos quantos

nos auxiliaram direta ou indiretamente, aos nossos prezados assinantes, colaboradores, auxiliares de redação e oficinas, representantes locais e representantes-viajantes e, em particular aos Caros Espíritos que nos ajudam, entre os quais o nosso inesquecível companheiro Cãirbar Schutel, agora Protetor Espiritual desta obra, que não é nossa, mas de Deus.

A todos, o nosso muito obrigado, com votos de progresso espiritual.

## Psicanálise, Bíblia e Espiritismo

Carlos Imbassahy



ODERIAMOS acrescentar — o fanatismo. É muito comum ver um crente chamar a outra pessoa de fanática, quando o fanático é êle.

Fanático é o que não pode apresentar as razões de sua crença, ou defendê-las com algum apuro, ou como dirá o dicionário — o indivíduo animado de zêlo excessivo por uma religião, uma doutrina ou um partido. Desde, porém, que êle apresenta razões e sobretudo provas na defesa de uma idéia, não há nêle fanatismo senão o interêsse de esclarecer.

Quando fiz umas conferências em S. Paulo sôbre erros da Psicanálise, soube que tocara em assunto que constituía tabu. Eu conhecia o tabu bíblico, nunca pensei, porém, que nos arraiais religiosos e filosóficos, a doutrina de Freud fizesse parte também das matérias intocáveis.

Soube que houve uns protestos, mas à bôca pequena. Em regra, em se tratando de Bíblia e Psicanálise, as rêslicas às críticas formuladas consistem numa série de interjeições e apóstrofes. Os mais temerários, por darem aos seus escritos algum ar de argumentação, entram por questões que não têm nada que ver com as questões apresentadas. Iludem-se a si e procuram iludir os outros.

Ora, eu fiz um estudo. Era sôbre o

estudo que devia versar a controvérsia. Mas o estudo ficou inteiramente de lado. Deu-se com a Psicanálise o que se dá com a Bíblia: o espanto, traduzido em estos de indignação, mais ou menos virulentos, conforme a índole do indignado.

Êste é um livro sagrado; aquela é uma ciência consagrada. Êsses títulos dizem tudo. Há pouco lemos isto:

*«Há espíritas que condenam a Psicanálise, o Darwinismo, o Existencialismo e outras doutrinas científicas e filosóficas, numa atitude fechada de fanáticos religiosos, sem procurarem compreender a razão de ser dessas doutrinas e o que elas representam no imenso esforço do homem para interpretar o mundo e a vida».*

A bôca pequena se expande e toma forma.

O autor do artigo sai em defesa da Bíblia e aproveita para colocar no mesmo samburá os atacantes do existencialismo, do darwinismo e da Psicanálise. Tanto que nos diz:

*«Há outros que condenam a Bíblia, como os há que condenam os próprios Evangelhos e ainda os que condenam o Cristianismo, afirmando que o Espiritismo nada tem que ver com êle».*

Limitar-me-ei, entretanto, à Psicanálise e à Bíblia.

Eu que venho analisando a Bíblia e a Psicanálise estou incluído entre os espíritas que se conservam naquela «atitude fechada de fanáticos religiosos».

Mas, entrei na liça precisamente para defender o Espiritismo da conspurcação doutrinária, que seria a aceitação de certos textos bíblicos, e da explicação materialista que os discípulos de Freud oferecem aos fenômenos espíritas.

Enquanto os conscienciosos defensores dos invulneráveis princípios religiosos e científicos ficam de braços cruzados, diante das terríveis investidas e dos consequentes estragos com que uns e outros se empenham na destruição dos fatos e da tese espírita, fico-me eu matando em grandes, e provavelmente improfícuos estudos, a fim de salvar o Espiritismo e a êles, que no Espiritismo também estão metidos, da onda de tolíces com que pretendem afogar-nos doutos, indoutos e faciosos. Senão vejamos.

Tôda a nossa atividade psíquica, segundo a doutrina freudiana, surge dos reflexos da alma como o petróleo das entranhas da terra. É inútil procurar fora daí os nossos móveis, as nossas idéias, as nossas propensões, os nossos gostos, os nossos gestos, a nossa arte, a nossa religião, os nossos amores e até a nossa voz. Um esquecimento, um lapso, uma doutrina e até uma trombada de automóvel têm fontes recônditas. E tudo vem mais ou menos das partes inferiores do corpo, mormente das regiões pudendas.

O avarento extrai a avareza da lembrança de suas fezes amarelas, que representa o ouro; o cantor regula o timbre, a altura, a sonoridade, a afinação da voz pelas suas preferências quanto aos ruídos do baixo intestino. A voz não é mais questão de cordas vocais, mas de explosões intestinais. Os amores são consequências do complexo de Édipo, que é uma afeição subconsciente incestuosa, que não tenho coragem de produzir. As crianças mamam, não por fome ou por instinto, mas pela forma do bico do peito, ou seja sua semelhança com certo órgão, e pelas funções que se parecem com outras tantas, e aqui também faleço de ânimo para maiores explicações. Tudo o que se procura fazer, reproduzir, inventar, provém de canais excusos.

Destarte, era necessário descobrir de

onde provinha a superstição espírita. E descobriram. Foram à fonte, ao espírito e acharam o veio; o resto surgiu facilmente. Sondaram, então, a origem subconsciente da crença em Espíritos e toparam logo: ela provém dos gases intestinais, êsse manancial de grande parte da «psiche» humana. É que do intestino sai o gás, e quem diz gás diz qualquer coisa que se evola... que está no ar... que vai para o ar... Logo se chega ao Espírito e do Espírito ao Espiritismo. Lógica arrasadora a que só podem resistir os que não compreendem o esforço para interpretar a vida.

Nada pois de fenômenos, nem de fatos; inúteis as experiências. Aniquilada a Metapsíquica. Espiritismo é gás intestinal.

Sabem lá de onde surgiu a doutrina reencarnacionista? Não pensar, talvez, que veio do ensino dos Espíritos ou das inúmeras provas que arrastam à convicção das vidas sucessivas. Nada! É o anseio que reside em nós pelo repouso e nada mais repousante que o ventre materno. Desejamos, então, voltar à vida intra-uterina e daí a idéia de reencarnação.

A visão dos Espíritos não passa de um processo subconsciente de protesto. O individuo esquece o morto e então o subconsciente protesta, tornando-o visível. E assim com a audição.

Quanto aos que não conhecem o morto, não sei como é; nem explicam as visões coletivas, assim como não explicam o maquinismo das materializações e o protesto subconsciente das máquinas fotográficas.

Tomás Bret, afamado psicanalista francês, reforça com vigorosos exemplos, a tese do Mestre, no que toca às aparições. Um dêles é o seguinte:

Certo frade promete a outro frade enfêrmo, que rezaria algumas missas por sua alma. O outro morreu e êle não se lembrou mais das missas.

Pouco depois aparece o defunto.

— Que quer você aqui? — indaga espantado o promitente.

— As missas que V. ficou de rezar.

Conclui o Dr. Bret: — Claríssimo! O frade esquecera e o subconsciente protestou trazendo-lhe a visão do falecido.

As questões psicanalistas têm tôdas essa clareza.

O mais interessante é que outro frade, da cela vizinha, também viu o morto, sem ter feito promessa nenhuma. Co-

mo o esquecimento do vidente foi influir no subconsciente do colega, não o explicou o Dr. Bret. Quando as coisas se entroviam elas passam de largo.

Adivinhação, profetismo tudo é ilusão subconsciente. Freud explica o sonho premonitório: o individuo pensa, na ocasião do acontecimento, que já sonhara aquilo. Preconhecimento nenhum. As narrativas *ante-eventum* não chegaram até Freud.

Os sonhos são sempre desejos recalçados, ou quando muito, lembranças da véspera. O que estiver fora daí ou não é verdade ou não é sonho.

Completamente enterrado o capítulo do «Livro dos Espíritos» sobre a «Emanipação da Alma», onde estão incluídos sonhos e sonhos.

O que os bíblicos psicanalistas não sabem é que as Sagradas Escrituras não escaparam. Elas, segundo Freud, são um amontoado de inverossimilhanças, custando a crer pudesse alguém de sizo prestar-lhe a mínima atenção.

Temos os esforços humanos, na interpretação do mundo e da vida, colidindo uns com os outros.

Sai, entretanto, alguém, a provar os erros dessa arremetida contra os princípios espiritualistas e logo vê os passos embargados pelos próprios correligionários, que deviam estar tão interessados quanto esse alguém em espanar a toleima.

Aquêles dogmas freudianos são despejados nas cátedras de Direito, de Medicina, de Filosofia, nas Academias, nos tabernáculos científicos, nos grêmios literários; em toda a parte se ensina daquela forma. E acabaremos com a convicção de que, livres os nossos intestinos dos gazes e de suas fugas vexatórias, estará terminada a miragem de Allan Kardec.

Isso é que é preciso ficar de pé, para que não sejamos levados no turbilhão do fanatismo, cegos, incapazes de perceber o humano esforço dos que abrem passagem para a interpretação da vida e do mundo.

A verdadeira elucidação está nas emanções sulfídricas, e para ela é que nos quer conduzir a cizuda compostura dos bons interpretadores.

\*

Mas compreende-se esse amor psicanalítico por parte dos defensores da Bíblia, ou melhor, do Velho Testamento. É

questão de identidade. Resolveram pôr de mãos dadas aquela ciência e esta religião, embora esta religião desmint a ciência. E vice-versa. Mas há semelhanças: Nenhuma tem supedâneo firme. Não se sabe onde está a realidade do fato bíblico, como não é possível perceber a segurança das conclusões psicanalíticas. O primeiro perde-se na escuridão dos tempos, as segundas são indescortináveis na escuridão das almas. Na Bíblia não se sabe até onde vai a lenda, na Psicanálise onde acaba a fantasia. Será infantil procurar provas numa ou noutra. Em nenhuma se notam os processos científicos da verificação e confirmação. Fora do livro sagrado não há nenhum comprovante; fora do observador psicanalista não há outra testemunha que ratifique a sua observação. O conhecimento em ambas vem pela fé. Só a fé nos faz acreditar na Bíblia; só pela fé poderemos aceitar as sondagens psicanalíticas. A razão não entra, nem nos textos nem nas análises, porque os absurdos andam em barda.

\*

Certa vez, apareceu-nos na Federação uma jovem, vítima de espíritos obsessores. Com grande dificuldade conseguimos minorar-lhe a situação aflitiva. Quando ela estava muito melhor, por interferência de um tio médico, foi parar às mãos de um psicanalista. Este começou a syndicar os motivos de sua «nevrose», aplicando-lhe o processo catártico, que consiste em ir falando o paciente o que lhe ocorre à cabeça, embora desconexamente. O facultativo, então, vai pinçando umas tantas palavras, também conforme lhe dá na cabeça e com elas descobre a trama que rasteja pelo subconsciente. Nessa pescaria descobriu que a moça tinha paixão pelo cunhado, paixão que recalçou inconscientemente, e que então era traduzida por aquelas manifestações obsessivas.

A moça ficou envergonhada, aniquilada. Em balde jurou que não só não tinha afeição nenhuma ao cunhado, como até antipatizava com ele pela maneira por que tratava a irmã. Esta declaração reforçou o diagnóstico psicanalítico: a antipatia era consequência da repressão, revolta íntima; fazia parte do recalque.

A moça volta à F. E. B. tomada de profundo desgosto. As crises aumentaram porque os obsessores acharam novamente a porta de entrada, com o abalo da jo-



vem. Tivemos então um trabalho duplo: livrá-la da obsessão do Espaço e da sugestão do psicanalista.

\*

Nas discussões com padres, frades, bispos, católicos ou protestantes, publicistas religiosos de qualquer espécie, tenho que me avir com os textos sagrados que êles nos jogam ao rosto para esmagar os textos espíritas.

Muitos confrades, para saírem da alhada, ficam num jôgo de interpretações, onde nem sempre levam a melhor, apesar do recurso «de que o espírito vivifica», porque quando se afastam muito do texto ou quando o texto dispensa explicações, agarram-nos, aos confrades, pela gola, e êles ficam sem saída.

Desgostam-me os processos coreográficos. Devemos ser honestos na argumentação. Recorro, então, à realidade, e uso o único recurso compatível com ela, que é declarar que os textos não podem servir, porque não valem nada: [não têm substância, não têm consistência, não têm plausibilidade, não têm coerência, não têm moral. Procuramos provar apenas isto — a falta de segurança nos argumentos textuais.

A réplica ao nosso asserto é o que há de mais interessante, para não dizer de mais irrisório: declaram os nossos amigos a mesma coisa por outras palavras: — que se trata de ensinamentos antigos, de costumes selvagens, de povos incultos, de leis bárbaras, tudo conforme o tempo, e enfim que «o Espiritismo não condena, esclarece».

Vamos deixar passar o aforismo para não perder tempo.

Mas, em suma — coisas imprestáveis, ditas ou escritas por pessoas que não pres-

tam. É precisamente o que afirmo. Mas como leis e costumes absoletos, como as usanças bárbaras poderão guiar-nos em os tempos modernos?...

Quanto ao «esclarecimento», que é que temos feito senão *esclarecer* que aquilo não vale nada?

Afirma-se mais, e isto faz parte da defesa bíblica — «que as matanças, horrores, imoralidades» não são mais que decorrências lógicas e naturais da época». E que «falta perspectiva histórica a quem não percebe isto».

Mas quem não o percebe? E por percebermos é que não compreendemos possa aquêle «Santo Livro» servir de luzeiro. Nossa tese é só esta. No mais admirem a obra como quiserem, com ou sem perspectiva histórica.

Há ainda uma afirmação espantosa, é a de que êsse livro vetusto, representação de atrasada mentalidade, cheio de matanças, horrores e imoralidades, reflexo de povos selvagens, é «um monumento imperecível».

Perspectiva histórica está aqui!

Acuados, os nossos irmãos escoram-se nos adjetivos. O livro é cheio de matanças, mas é sagrado; é cheio de horrores, mas é imperecível; é cheio de bandalheiras, mas é divino!

Os defensores das sagradas letras estão no mesmo pé dos fetichistas e adoradores primitivos.

Enfim, deixemos passar os erros perniciosos da Psicanálise para não obstar aos esforços dos interpretadores do mundo e da vida, e as escabrosidades bíblicas, para não macular um imperecível monumento.

E aos críticos mais acerbos só nos cabe repetir o epifonema de Virgílio — *Tantaene animis coelestibus irae!*



Se você foi escolhido para representar em São José do Rio Preto a sua Mocidade, então prepare-se. Seja um cooperador eficiente. Estude principalmente o Evangelho Segundo o Espiritismo, o Livro dos Espíritos e o Livro dos Médiuns. Se, porém, você quer ser um colaborador ainda mais valoroso, então estude Emmanuel, André Luiz, e as suas respostas no Torneio Evangélico, serão substanciais e exatas

Salve o Primeiro Decênio das Concentrações das Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, a realizar-se em São José do Rio Preto, nos dias 3 a 6 de Abril de 1958.

# Nós e o Ano 2.001

General  
Levino Cornélio Wischral

**P**ossivelmente, uma das faculdades que mais empolgam e delectam a nossa alma é a do chamado «desdobramento consciente», fenómeno êsse manifestado em certas criaturas entregues ao êxtase e portadoras de interessante dom mediúnic. Como exemplo clássico, mencionamos Santo Antonio de Pádua, possuidor feliz e privilegiado dessa benção divina. A par de indescriíveis encantos espirituais, seu possuidor é levado, algumas vezes, a distantes ambientes de terríveis angústias, onde passa a tomar parte ativa em dores e sofrimentos alheios, e com tal intensidade como se os sentisse em sua própria carne. Disso deu provas exuberantes São Francisco de Assis. Normalmente êsses sensitivos são criaturas de temperamento angélico e padecem em virtude de padecimentos de outrem.

O Desdobramento assemelha-se a um sonho, porém lúcido, tal como se o indivíduo estivesse acordado. E, assim sendo, a pessoa tem plena consciência de tudo que vê, ouve ou percebe, como se houvesse sido transportada em corpo carnal a algum lugar distante.

O místico experimentado na ciência oculta pode «largar» seu corpo no leito ou em uma cadeira, «saindo» calmo, em sua «segunda via» ou «duplo-etérico» para o giro habitual «lá fóra», pelo astral. Êste viajante invisível do espaço tudo enxerga, tudo sente e até com maior percepção do que quando preso ao corpo carnal. O novato, porém, se volitar no plano imponderável, qual andorinha descuidada — onde pode ser assaltado por entidades de aspecto doloroso ou hediondo — costuma, todo aflito e amedrontado, regressar rápido ao ponto de partida, para depressa se enclausurar novamente no corpo físico; em seguida desperta, e então suspira aliviado! Eis quando nós nos capacitamos do incomparável valor que a couraça de carne nos oferece para nos livrarmos de muita atuação má do espaço. É nosso refúgio seguro!

Transportarmo-nos, por exemplo, de modo instantâneo, com a velocidade do pensamento, até a velha Jerusalém ou

ao Polo Sul, à Coréia, a um vetusto reinado, ou para junto de um hotentote na África, um amigo querido ou enfêrmo, o interior de um cofre forte de Banco, o cume do Himalaia ou o insondável abismo do Oceano Pacífico, sem ser visto, é algo notável, sem dúvida! Até brincadeiras inocentes são, algumas vezes, levadas a efeito pelas pessoas dotadas de tal faculdade como, por exemplo, a de penetrarem numa casa comercial através dos grossos vidros da vitrina ou das paredes de cimento armado e, lá no interior, aproximarem-se do vigilante fatigado para lhe dar um puxãozinho de orelha ou, então, soprar em seus olhos sonolentos. Isso deve ser bem divertido ao notarem o sobressalto do funcionário, crente de que está sendo acordado pelo patrão...

No desdobramento, colocarmo-nos, num abrir e fechar de olhos, sôbre o dedo polegar do Cristo Redentor, no Corcovado, ou surgirmos materializados em algum convento dos Lamas, no Tibet, nada de complexo apresenta; é apenas consequência de um fugaz impulso de nossa vontade. Acompanhar Juscelino, no Palácio das Águias, ou em suas atividades tidas como de missionário, e vê-lo meditando exaustivamente sôbre o esplendor que terá, em futuro próximo, a sua Brasília longínqua, não é igualmente coisa difícil nem complicada; ao contrário, para o místico desdobrado, a totalidade dos pensamentos alheios é vista em cores e compreendida dentro de uma fração de minuto, como num milagroso desenrolar de um filme. Sentir e compreender os ardentes anseios do bom presidente Vargas, em ativa preparação para uma nova viagem ao país onde deverá reencarnar, é questão, apenas, de assim se desejar. Aliás vêmo-lo, por antevisão, à frente, mais uma vez, dos destinos da Pátria do Evangelho, amparando e socorrendo aqueles que o conduziram ao fracasso.

Eis uma singela amostra do que seja a faculdade do desdobramento, em que tudo é simples, natural, e tudo se processa com a velocidade do pensamento. Mas não desejamos apenas apresen-

tar êstes ensaios, sem mais alguns exemplos reais.

Conhecemos uma mocinha de 14 anos que, durante o banho habitual, costumava ver angustiada, a ela mesma saindo banheiro a fora, isto é, o seu próprio duplo-etérico (ou seu perispírito) enquanto seu corpo carnal ali permanecia firme. Ante o violento susto da mocinha e seus gritos desesperados, tudo desaparecia! Perplexa e profundamente confusa parecia que indagava de si para si: «Mas como é isto? Lá vou eu?...»

Outro caso: No burburinho da Praça da Sé, na capital paulista, vimos um homem caído, sem que fosse alvo dos costumeiros socorros. Enquanto de sua boca escorria nauseabunda saliva, agitava descontroladamente braços e pernas. Dava dó! E profunda compaixão nos inspirou aquele ente humano ali estrebuchado. O povo não lhe dava atenção, procedendo de modo contrário ao do Bom Samaritano, pois, aquele infeliz era tido como ébrio incorrigível. Contudo, diversas entidades espirituais o acudiam, aplicando-lhe carinhosos passes magnéticos. Aproximamo-nos também, em desdobramento e, como é lógico, de modo invisível ao povo; pretendíamos estudar aquele caso dentro dos sábios ditâmes da Lei de Causa e Efeito, por isso, apuramos nossa acuidade. Desde logo percebemos que os quadros relacionados com aquela ocorrência eram de terríveis responsabilidades; era de arrepiar! Enquanto os espíritos acudiam ao homem, ouviamos a conversa entre dois deles comentando a causa cujo efeito desastroso vitimava aquele infeliz irmão, apenas enfermo da alma e não alcoolizado. Temos à nossa frente — dizia uma das entidades — o ex toureiro Vicente Gil Ambrósio, desgraçadamente tornado célebre e afamado pela destreza com que manejava tanto a hipocrisia, a traição, como o seu afiadíssimo punhal ao tempo da côrte ibérica, no ano 1.730. Sua remota conduta foi de perversidades sem fim, ou seja a de um verdadeiro sátiro. Teve, após, diversas encarnações expiatórias, a fim de se aliviar de seus crimes, e aqui o temos a nossa frente, decorridos duzentos e tantos anos, ainda pesadamente endividado. Vejam como êle reage enfurecido, louco autêntico, aos impropérios que os transeuntes lhe lançam em rosto, com asco. Seu espírito, semi-des-

ligado do corpo físico, transmite ao corpo os terríveis choques de ódio. Os estrebuchamentos traduzem a dor reflexa, canalizada de seu espírito em desespero que, fielmente, capta e registra as injurias agora recebidas em pagamento de insultos piores, que lançou a outras criaturas na velha Espanha. Sua alma faz centenas de gestos de revolta, visto apenas pelos espíritos que aqui passam e, assim, êsse individuo consome colêricamente suas forças vitais tanto da psique como do corpo e, num contínuo vai-vem avança nos transeuntes, enquanto grita para se justificar, sem ser ouvido. Berra a todos que não é e nunca foi ébrio; que é apenas um infeliz doente desprezado por Deus e por todos. Observem a outra face da questão: Vejam como alguns o apedrejam com frases ofensivas, parecendo até ser o choque de retorno do que êle fizera com suas vítimas em distante passado. Ali vai um que diz: «Ébrio sem vergonha! Desde cedo está com a cara cheia!» Outro passa e exclama, para que todos ouçam: «Desgraçado! O álcool é menos forte do que êle; já devia ter morrido!» Outro, em tom quase amigável, comenta: «Êste, sim; aproveita bem a cachaça; bebe a caninha gostosa em lugar do café amargo!» E o nosso infeliz Vicente Gil Ambrósio grita e gesticula para provar não ser alcoólatra nem sequer poder ingerir álcool por sofrer de ataques... Mas ninguém o ouve, tal como êle não quis ouvir os gemidos e as justificativas de suas antigas vítimas!

Finalmente, com o estridente soar de uma sirena e conseqüente chegada da ambulância, foi o nosso irmão Vicente conduzido ao Hospital das Clínicas, onde continua a recolher a sementeira lançada de modo tão desventurado.

Convém, por último, citar mais êste fato deveras interessante, presenciado por um médium em desdobramento: Numa grande casa de oração situada no Largo de São Bento, em reunião reservada, realizada sob moldes científicos, para estudo da psiquê, foi certa vez invocada a presença de generoso santo, muito venerado na Tchecoslováquia. Êste santo, porém, que estava novamente encarnado entre nós, mas que tinha a faculdade de desdobramento, captou aquêle sutil apêlo e, não desejando deixar um pedido sincero e justo sem res-

posta, resolveu desdobrar-se, e apresentou-se na reunião para dar a sua mensagem, tal como numa sessão espírita. E o fez por intermédio de um irmão devoto, em vestes religiosas, aliás habituado a êste intercâmbio com os «mortos». Após as belíssimas explanações do manifestante, foi encerrada aquela sessão, e os presentes, olhando-se meio atônitos e maravilhados exclamaram: «Pois é! Os mortos continuam a governar os vivos!»

Utilizando-se do desdobramento, diversos espiritualistas costumam fazer suas habituais visitas a seus amigos; vão a sessões cinematográficas ou ao teatro, se assim desejarem e, sem sair de casa; assistem conferências, deslocam-se em discos voadores e até empreendem viagens interplanetárias; tornam-se visíveis ou se materializam onde desejam, tal como outros moradores de planetas distantes costumam fazer aqui na Terra.

Esta faculdade, que é uma espécie de «televisão», própria das almas que a merecem, oferece infinitas possibilidades, e desde agora está em crescente desabrochar nas criaturas. Será uma faculdade comum, no terceiro milênio, dos que se tornarem dignos a continuar neste globo, já então expurgado da presença dos transgressores da Lei de Deus.

Com o aperfeiçoamento da recepção de intuições, estabelecer-se-á em breve, neste mundo, uma ampla comunicabilidade vibratória, e com essa capacidade não mais será possível a troca de pensamentos maus entre os terrestres, pois, pensar será o mesmo que falar alto para ser ouvido a qualquer distância. Nada poderá permanecer oculto ou dissimulado. As relações sociais, em qual-

quer setor, sofrerão igualmente inimagináveis transformações, a começar pela desnecessidade das incômodas viagens em corpo físico, feitas entre continentes, países e cidades, que perderão totalmente sua razão de ser, pois às pessoas, mesmo em locais mui distantes, sentirão a voz de seus irmãos e os verão como se estivessem juntos. E até o nosso prestimoso e sacrificado corpo físico, lar bendito da alma, será então cada vez mais delicado, sutil e puro, a irradiar claridade, tornando-se altamente aperfeiçoado e carecendo apenas de uma frugal refeição para seu sustento.

Os que se esforçarem, procurando seguir os passos de Jesus, já podem se considerar candidatos aprovados à moradia nesse paraíso à vista.

E os demais?

Irremediavelmente irão repetir a lição que em milênios não quiseram aprender, porém, em outro mundo rústico, de vibrações pesadas e grosseiras, onde terão que sorver o cálice de fêl de seus desleixos para com a doutrina de Cristo. Aliás, as almas indiferentes aos constantes apêlos do Mestre já estão sendo imantadas pelo «astro sugador» que se aproxima com a missão de conduzir para o seu bojo o joio resultante da separação do trigo. E... o trigo que sobra é tão pouco! Assim nos esclarece o iluminado Ramatis.

Mais uma vez se repetirá a história cósmica, registrando de modo semelhante a viagem punitiva dos que aqui aportaram, vindos em tétrica romaria, do distante e evoluído planeta Capela.

P A X !

O célebre Lombroso, professor da Universidade de Turim, escrevia na «Lettura»: «Sinto me forçado a externar a convicção de que os fenômenos espíritas são de uma importância enorme e que é dever da ciência dirigir sem mais demora sua atenção para essas manifestações».



Mr. Boutroux, membro do Instituto e professor da Faculdade de Letras de Paris, se exprime assim no «Matin», de 14 de Março de 1908 — «Um estudo amplo, completo, do psiquismo, não comporta unicamente um interesse de curiosidade, mesmo científica; interessa também muito diretamente à vida e ao destino do indivíduo e da humanidade».

# Ramatís e a Ciência

## II

Continuando os nossos estudos analíticos sobre as mensagens de Ramatís, cuidaremos hoje de um tópico extraído do opúsculo *Magia de Redenção*, mas sempre abrangendo somente as partes onde se pretendeu relacioná-las com a ciência.

Quanto ao Feiticismo podemos adiantar que essa suposta magia não passa de uma crença supersticiosa, não tendo merecido atenção dos nossos sábios, por tratar-se de uma prática sem base nas leis de causa e efeito, portanto sem a mínima relação com os fenômenos estudados pela nossa ciência. Os adeptos de Ramatís, na mais bôa fé, entusiasmaram-se com o assunto, atraídos pela forma como essa entidade cuidou, e julgaram que ali, naqueles conceitos, sobre feiticismo, há mesmo algo de científico. Contudo, a razão desse procedimento, prende-se pelo fato de não ser os estudos da ciência, acessível na generalidade.

Mesmo nos meios intelectuais, somente os que se dedicam aos estudos especializados das pesquisas dos cientistas é que se acham em condições de compreender e comentar a questão nos seus fundamentos.

Por esse motivo, quando surgem publicações supostamente científicas obtêm bôa acolhida na generalidade, atingindo também não poucos homens de sabedoria respeitável em outros setores. No caso de Ramatís, acreditamos que mesmo entre muitos espíritas, que silenciaram nessa questão, mentalmente também não desdenharam os seus conceitos sobre o feiticismo.

Mas é preciso ficar claro que a doutrina de Kardec, sempre em concordância com a ciência, repele qualquer teoria que se revele supersticiosa.

Entremos no assunto, e vejamos como Ramatís não foi feliz no trato com as leis de causa e efeito, sobre energia livre e condensada, empregando termos científicos, nas suas explanações, sem respeitar o sentido exato que êles representam na sua ordem fundamental.

Assim, ao explicar como fazem os feiticeiros para materializar e desmaterializar objetos, êle diz em determinado trecho de uma de suas longas respostas, na página 16: — «Dissolvida a energia que se

aprisiona dentro desses duplos etéricos, moldes ou cópias que permanecem intactos no invisível, desaparece a forma material de vossa visão, pois a ENERGIA CONDENSADA que enchia o molde etérico retorna como ENERGIA LIVRE, no seu plano original».

Logo a seguir, lhe perguntam: — «Poderia nos citar alguma operação análoga no mundo material?»

Resposta: Certos materiais, superaquecidos, dentro duma retorta ou forno refratário, no fenômeno de sublimação, passam do estado sólido para o GASOSO, desaparecendo das vistas dos seus operadores. Entretanto, sabem os experimentadores, que, no espaço existente na retorta ou no forno, continua em estado imponderável, radiante mesmo, a substância sublimada. É suficiente proceder o resfriamento, para que essa ENERGIA LIBERTA baixe vibratoriamente até alcançar, novamente, o estado sólido, ou seja, ENERGIA CONDENSADA, apresentando tôdas as características anteriores. Isto sucede porque o molde etérico continua intacto e indestrutível, e assim que as condições térmicas e barométricas permitam, absorve novamente a ENERGIA LIBERTADA e a aprisiona, materializando a mesma substância.»

Ora, como vemos, a entidade não faz distinção entre energia libertada e estado gasoso, quando uma coisa e outra são formas da matéria extremamente diferentes. Aos não afeitos ao assunto essa falha passa despercebida, mas para qualquer estudioso, que tenha leitura sobre energia condensada e liberada, logo percebe que o autor, ali, revela-se estranho aos estudos dessa natureza. E na forma como êle cuidou o assunto, a hipótese de ter sido um descuido não se confirma.

Para o leitor ter uma idéia de que modo se interpreta aquela explanação, pelas leis da ciência, vamos esclarecê-la, obedecendo o sentido exato dos termos, «energia condensada e libertada», ali empregados, e assim veremos a catástrofe nessa ação, se essa fôsse a realidade.

Primeiramente vamos observar que no dizer de Ramatís a matéria somente é

considerada condensada quando se apresenta no estado sólido. Quando ela passa ao estado gasoso êle julga que já esteja na condição de energia libertada.

Mas em ciência a consideração é esta: A matéria seja no estado sólido, líquido ou gasoso, ela acha-se na forma de energia condensada (ou congelada se quiserem). O emprego do termo energia libertada só entende-se para indicar a energia fora dos limites dêsses três estados, pela aniquilação da matéria.

Se fôsse possível nos nossos fornos ou retortas a matéria, sob ação do calor, transformar-se totalmente em energia (esta operação é impraticável, pelos nossos recursos atuais) conforme se lê naquela mensagem, a energia, no momento que se libertasse, ocasionaria tremenda explosão que Nagasaki e Hiroschima teriam sido páldas amostras diante dêsse fantástico poderio.

Para que tenhamos uma idéia como é poderosa essa fôrça, basta sabermos que «êsse potencial existente numa única grama de matéria poderá, se for totalmente libertado, levantar três mil locomotivas a uma altura de 50 km.»

A liberação de energia nuclear que os nossos cientistas tem conseguido é apenas fracionária, a custa de muitos esforços, e de custosos aparelhamentos. Cogitou-se produzir uma bomba «fotônica», que seria a transformação total da matéria em energia. Mas como êste engenho poderia destruir o planêta, nada mais se falou nesse sentido.

No entanto, Ramatís, com muita simplicidade, fala repetidas vezes em liberação de energia, sem perceber o significado dessa fôrça tremenda, e acha que isso é coisa corriqueira para a vontade dos tais entendidos, que são êsses indivíduos chamados feiticeiros.

Vamos agora apresentar outro argumento desfavorável à entidade, sôbre energia condensada e libertada, para o leitor compreender que êsse potencial, quando se liberta, não poderá mais voltar ao seu duplo etérico de origem, no sentido ramatisiano.

Suponhamos que os átomos de determinada matéria (Urânio por exemplo) se transformasse totalmente em energia livre. Essa mesma energia, para que voltasse a se condensar novamente, ela não viria mais se recolher dentro dos limites da matéria atômica de onde se originou.

Ela seguiria outros caminhos para nova recriação da matéria (Milikan, estudos da origem dos raios cósmicos), iniciando-se por uma outra forma primordial, seguindo um ciclo.

Assim, nestas condições, os tão falados feiticeiros, debalde ficariam esperando o retôrno da energia para o propalado duplo etérico, dos objetos que êles desmaterializariam, para que se condensasse, novamente, de acôrdo com os conceitos de Ramatís.

Agora, continuemos com a entidade no dizer de que em nossas retortas e fornos de pesquisar a matéria, sob certas condições de calor, pode desaparecer, e depois, pelo resfriamento, voltar para a sua forma anterior. Conforme se lê naquela mensagem, mesmo corrigindo-se os termos ali empregados, substituindo-se liberação da energia por estado gasoso, como seria unicamente o certo, nem assim êste exemplo corresponde a analogia que a entidade pretendeu fazer sôbre o evocado duplo etérico.

Vamos supor em um forno, uma porção de matéria trabalhada (medalhas, estatuetas etc.) em fusão, e que atinja a vaporização, passando de sólida ao estado gasoso. De fato, relativamente, ela desaparece de nossas vistas. Mas como já dissemos antes, aquí não haveria liberação de energia, pois as moléculas dêsse material continuariam intactas, não se desmaterializando. Nestas condições, ao resfriarmos o forno, sem que se tivesse perdido o seu conteúdo, veríamos que a matéria vaporizada, dos objetos, voltaria novamente ao estado sólido.

Mas note, o leitor atento, que, nesta operação experimental, os objetos não mais se teriam reconstituído nos seus duplos etéricos originais (medalhas, estatuetas...), pois agora êsse material, antes trabalhado, tornara-se um só bloco fundido. Dêste modo, o que poderá essa operação, muito natural, revelar em favor dos conceitos de Ramatís, sôbre desmaterialização e materialização de objetos, na forma como êle apregôa?

Na realidade essa analogia dos nossos fornos, que a entidade apresentou, em muito se difere do que se pretendeu demonstrar. Aquí na Terra, humanamente ninguém cogita realizar essa fantasiosa maravilha, em desmaterializar objetos, e materializá-los novamente na mesma linha anterior, a não ser em truques de palcos.

Aos que se iniciam nos estudos das leis da materialidade, fácil será compreender logo na preliminar, que não é possível ao homem, com todo o progresso dêste século, realizar um ato dessa natureza, de manipular essas fôrças do Universo, e ainda mais com tanta fantasia e ingenuidade, conforme se lê naquelas mensagens.

Ramatís, com essas suas afirmativas arrojadas, revela-se ainda retido a velhas superstições, esforçando-se para apresentá-las na atualidade, sob a proteção de uma suposta ciência. Assim, a entidade, nas suas mensagens, enveredou em terreno delicado e complexo, perdendo-se na ordem dos fatos.

De nossa parte, lamentamos não nos ser possível particularizar o assunto em uma forma mais acessível e popular. Mas com atenção, não se encontrará dificuldades para se compreender que a entidade, apesar das aparências científicas dessas suas explicações mediúnicas, não se apoia nas leis de causa e efeito da majestosa obra da Criação Divina.

Queremos ainda esclarecer que essa nossa atitude em denunciar falhas de Ramatís, não deve ser interpretada como uma contestação no todo de suas comunicações, pois como já dissemos, no trabalho anterior, há ali considerações de méritos aproveitáveis e de argumentos interessantes. A nossa tarefa é apenas demons-

trar que há partes onde a entidade falsêja, ao ventilar questões incompatíveis com Kardec e a ciência, portanto, perturbando a sua ordem geral para que a consideremos como um complemento kardeciano.

Aos espíritas, a leitura das obras de Ramatís, como qualquer outra, é facultativa. O que não se deve é entusiasmar-se por elas a ponto de antepô-las a Kardec, como se o passado pudesse sobrepujar o presente. É preciso sabermos separar o que pode, ou não, ser aceitável, valendos para isso dos informes que vem surgindo, agora que o assunto se tornou mais conhecido.

E aqui terminamos mais essa parte, e no próximo número voltaremos novamente, empenhados nessa tarefa que nos propusemos.

V. O. Casella.

Caixa Postal 153 — Est. de S. Paulo  
Araraquara

*N. da R. — Lapsos do trabalho anterior: — No início onde se lê (...a inconveniência da propaganda de Ramatís nos meios espíritas, os quais ameaçavam o prestígio da doutrina...) leia-se (...as quais...) Em outro tópico da parte introdutiva, onde está (...seu pretérito, acreditamos tenha sido de glórias...) leia-se (...que acreditamos...)*

## Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado de Barros)

11 — Em casa, meu pai vivia agarrado a sua bíblia. Levou até, um dia, um amigo, o pastor José Antônio, provocante e conversador, para discutir comigo. Foi a primeira parada forte que suportei, defendendo, como podia, o Espiritismo. Então, madrugou minha índole polemística e o pastor não levou a melhor...

12 — Minha mãe jamais tivera religião. Sempre fôra, no entanto, deísta. Desde criança. Sempre tivera, sem saber a razão, forte ojeriza a padres e a tudo que se relacionasse com o catolicismo; razão por que só frequentara missas, assim mesma obrigada por seus pais ado-

tivos, quando pequenina. Sua grande fé em Deus, aliás, fôra o gigantesco baluarte de sua mocidade agoniada e dura. Muito inteligente, embora inculta, nunca encontrara explicações sensatas para os problemas da Igreja.

13 — O protestantismo de meu pai, também, não lhe entrou nalma, talvez por não encontrar no marido o exemplo para o que pregava. Ademais, achava muito complicadas as explicações evangélicas dos protestantes. Continuava, porém, como desde pequenina, deísta e cristã.

14 — Na época em que aceitei o Espiritismo, minha mãe guardava ainda

amargas recordações da reunião espírita que assistira no interior nordestino; com medo de espíritos e sem desejos de aproximações com a terceira revelação. Deixou, porém de recitar as longas orações que aprendera na infância.

15 — Os amigos mais íntimos, estudantes superiores na sua maioria, eram, no fundo, céticos. Apesar de tudo, porém, o Espiritismo entrara firmemente no meu íntimo.

16 — Uma noite, o Petitinga convidou-me para uma reunião na sua casa. Seria a primeira reunião mediúnica assistida por mim. Lá encontrei uma *médium* graciosa, muito jovem, por quem vieram lindas comunicações.

17 — No dia seguinte, manhã cedo, olho para o 2.º andar da casa em frente: lá está a *médium* que me cumprimenta com um sorriso bom e generoso.

18 — Apesar da simpatia das três carinhas e de mais uma que descobri no andar térreo, aliás a mais linda das quatro, não pude continuar na Ladeira do Carmo. Nem me lembro porque saímos de lá...

19 — Fomos para a rua das Flôres onde, também, nos demoramos pouco. Foi a única residência em que tivemos luz elétrica em casa.

20 — Já estava eu escrevendo coisas melhores, que publicava com o pseudônimo de *Jeuville Oliver*. Escrevia no «O Malho» e esbocei, no «Diário da Bahia», meus primeiros estudos crítico-literários.

21 — Petitinga, cada vez mais meu amigo, emprestou-me o livro «*Poesias*», de Amaral Ornellas. Escrevi, sobre o livro, uma apreciação que foi uma consagração para o autor. Ficamos muito amigos à distância, cartecendo-nos constantemente.

22 — Ouvi, então, pela primeira vez, o nome de Carlos Imbassahy. Mal sabia eu que espécie de amizade nos iria ligar através dos anos... Companheiro de repartição de Ornellas, escreveu-me, do Rio, uma longa e bonita carta apresentando seu romance «*Leviana*». Li-o com sofreguidão e interesse; e mesmo com bairrismo, porque Imbassahy era baiano como eu.

23 — Julgando-me importante crítico — e ali estava um livro do Rio de Ja-

neiro solicitando a minha opinião — escrevi sobre o livro no «Diário da Bahia», com apreciação que não agradou ao autor. Este fazia, no volume, determinada censura sobre uma certa reunião espírita e eu, espírita recente, e entusiasmadíssimo, não concordei com ela.

24 — Imbassahy não gostou da apreciação e trocamos cartas sobre o assunto. Na última carta que me escreveu dizia «não era espírita e Deus o livrasse de Espiritismo».

25 — Senti o peso de seu valor e de sua cultura; deixei-o sem resposta. Que resposta, devo dizê-lo, eu não encontrei para lhe dar...

26 — Mas, um dia, eu seria também, assim. Teria argumentos para argumentar, discutir, confundir e aturdir contendores adversários.

27 — Carlos Imbassahy se fez, depois, espírita. E o que mais é: o mais brilhante escritor e polemista espírita do Brasil!

E nossa amizade teria de atravessar os tempos, sempre firme e leal, a despeito de nossas brigas — e brigamos tanto por idéias —! E de morarmos sempre, separados, em cidades diferentes...

28 — Na rua das Flôres, estudei muito *de banca*, para fazermos exames no Ginásio da Bahia, animado por meus amigos estudantes superiores que me queriam ver formado em Direito.

29 — Estudávamos todos os dias, metódicamente, até nove e trinta, dez horas, quando a mamãe trazia café e biscoitos para nós. Lanchávamos já de livros e cadernos fechados, revisando, ainda, alguns pontos estudados. Jogávamos, depois, *bisca* ou «*três sete*», até meia noite, no máximo.

30 — Certo dia, ao chegar à casa, depois de haver saído para umas compras, encontrei minha mãe muito alegre: era dia de meus anos e meus companheiros de estudo me enviaram muitos doces e um barril de *chopp*, com o recado de que trariam, com eles, mais amigos comuns, para a noite. Minha mãe, contentíssima, preparou mais guloseimas (que ela sabia fazer tão bem) e deu à casa um aspecto festivo.

31 — Vieram, efetivamente, muitos amigos. Fizemos uma noite diferente, sem estudos e sem *biscas*, com *chopp*, muitos doces, muitas guloseimas, poesias, modinhas e anedotas...



32 — A grande guerra grassava nessa época e eu continuava meus estudos de banca. Não esquecia a amizade do Petitinga, nem o Espiritismo. E dedicava a noite dos domingos ao grande amigo.

33 — Um dia — e há, sempre, um dia para tudo — a guerra européia terminou. Veiu, depois, a gripe espanhola que castigou, bárbaramente, a Bahia, como todo o Brasil. As escolas, os cursos, os ginásios se fecharam. 1918. Não haveria exames. Mas, os estudantes perderiam o ano?...

34 — Veiu o decreto governamental permitindo o registro de quatro matérias, a dez mil réis cada uma. E o Coelho Borges se pôs a insistir comigo para que eu tirasse as quatro disciplinas que estudara.

35 — Relutei muito, achando que seriam registros comprados. Os amigos, principalmente o Coelho Borges e dr.

Hermelindo Lopes Rodrigues, convenceram-me de que não devia perder mais um ano, quando estava senhor das matérias.

36 — Mesmo assim, fui ao Ginásio da Bahia pagar os referidos exames levado pelo Hermelindo. Paguei-os, perguntando-me o funcionário: «Seu caso é a chapa?»

— «Que chapa?» — perguntei.

— «Português, Francês, Aritmética e Geografia».

37 — Era. — Foi assim que, sem nunca fazer exames, fiquei com quatro certificados que, depois, me serviram muito... Foi assim que, sem ser doutor em nada, andei enfiando anel de gráu em muitos indicadores... Foi assim que, sem ter frequentado ginásios, teria de ser, no futuro, diretor de colégios, professor secundário, educador, responsável por um nome que, mercê de Deus, embora modestamente, se tornou conhecido no magistério nacional...

## ↓ 1.º Centenário de “La Revue Spirite” ↓

O mundo espírita após comemorar o 1.º centenário da codificação do Espiritismo, volta a sua atenção, agora, para as comemorações espíritas de 1958. Destacam-se neste ano, duas datas importantes: em 1 de janeiro, o 1.º centenário do lançamento de «La Revue Spirite» (Revista Espírita), e 1 de abril, também 1.º centenário da fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, respectivamente o primeiro órgão e a primeira sociedade idealizados e dirigidos por Kardec, que existem até hoje.

Tratemos, por ora, somente da Revista. Kardec, após o lançamento do Livro dos Espíritos reconheceu que era indispensável a publicação de um periódico para divulgação e esclarecimento da recém-criada doutrina espírita codificada. Apareceu, então, em janeiro de 1858, uma revista mensal intitulada — «Revue Spirite — journal d'études psychologiques»; apesar de alguns anos de interrupção existe atualmente, dirigida por H. Forestier desde 1931, com o nome: «Revue Spirite — journal d'études psychologiques et de spiritualisme expérimentel», em ótima apresentação gráfica, capa

15,5 x 24 cm, cor azul, contendo sempre a efígie do fundador e o índice. A revista tanto a antiga, como a atual prima-se pela excelência e atualidade dos artigos e noticiários.

Allan Kardec dirigiu a Revista de 1858 até 1869, quando desencarnou. Em seguida, foi dirigida por um «Comitê de administração», sendo secretário geral o sr. A. Desliens; passou depois a ser bimensal, e foi interrompida no número agosto-set. 1915, por ocasião da primeira guerra mundial. Jean Meyer, discípulo de Kardec, resolveu reeditá-la em janeiro de 1917. Em 1923, J. Meyer adquiriu o prédio da rua Copérnico 9, em Paris, onde ficou instalada a redação da revista (hoje êsse edifício tem o nome de «Maison des Spirites»); em abril de 1931 com seu falecimento, o sr. Hubert Forestier tomou a direção, continuando até nossos dias (1). Houve ultimamente somente interrupção em 1940, por motivo da 2.ª guerra mundial; nesse período os alemães destruíram o arquivo principal da redação da revista, inclusive a preciosa coleção das obras de Kardec.

Após o término dessa guerra, a revista voltou a circular bi-mensalmente.

Pode-se ter uma idéia do alto valor doutrinário da «Revue Spirite» publicada inicialmente, lendo-se a esplêndida tradução, com algumas anotações, feita pelo confrade dr. Julio de Abreu Filho, editada por Edipo, e depois pela LAKE, de S. Paulo; infelizmente só apareceram o 1.º vol. (1858) e 2.º vol. (1859) até o momento.

No 1.º volume, entre ótimos artigos salienta-se o intitulado «Diferentes ordens de Espíritos» e «Escala Espírita», no número de fevereiro, e o interessante trabalho: «Jupiter e os outros mundos», no número de março, todos escritos por Kardec, baseando-se porém nas mensagens concordantes dos Espíritos. Este último artigo é ainda atualíssimo, e uma plêiade de Espíritos superiores, e não um Espírito somente, revela o grau de evolução dos habitantes de vários planetas, de modo sério e convincente, bem ao contrário, de muitas mensagens atuais, isoladas, repletas de fantasias ou de profecias absurdas. No 2.º volume, número de julho de 1859 encontra-se o célebre discurso de Kardec, que vale como uma advertência e orientação aos espíritas místicos do nosso tempo; foi êle proferido durante o 1.º aniversário de fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Todo espírita que encarar a sua doutrina como ciência e filosofia, com consequências religiosas, tal como tantas vezes definiu Kardec, deve ler e divulgar essas traduções que são de atua-

lidade, apesar de decorrer um século de publicação, no original.

A coleção da «Revue Spirite», publicada de 1858 a 1869, pertence, pois, à obra da codificação espírita; é tão importante como o Livro dos Espíritos, e outros livros subsequentes. Enquanto não aparecer o vol. III e outros dessa coleção, os interessados poderão apreciar alguns trechos de Kardec, escritos durante êsse período, na obra biográfica de H. Sausse (2). Eis, por exemplo, um dos pensamentos escritos por Kardec, poucos meses antes de sua morte: «O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como um direito natural. O Espiritismo combate o princípio da fé cega, que impõe ao homem a abdicação de seu próprio discernimento; toda fé imposta carece de raiz». (Rev. Spirite 1869 p. 25) «Trabalhem para compreender e engrandecer a nossa inteligência e coração; lutemos como os outros, porém com caridade e abnegação. Que o amor ao próximo, inscrito em nossa bandeira, seja nossa divisa, e a investigação da verdade, venha de onde for, seja nosso único objetivo» (idem p. 357).

Cicero Pimentel.

S. André, 1/12/57.

(1) Rev. CENA, n.º 8-9, 1955 p. 15 (J. T. Paula) e p. 9.

(2) H. Sausse — Biografia de Allan Kardec, 1952, ed. V. Hugo, B. AIRES (trad.)

## LIVROS E AUTORES

— Por NEWTON G. DE BARROS

Em nossas excursões, visitando Centros Espíritas amigos, temos escutado referências entusiásticas ao livro de Yvone Pereira — «Memórias de um suicida».

O livro, editado pela FEB, em edição de 1956, esgotou-se rapidamente. Por êsse motivo, os volumes que adquirimos têm circulado muito...

\* \* \*

A capa, ilustrada por Maia, contém um simbolismo interessante. Um atraente convite à leitura!

Bem sabemos que as 631 páginas

macissas não são ímãs; principalmente em nosso país, onde se lê tão pouco... Não queiramos também, que as memórias atraíam os leitores pela curiosidade de saberem aquilo que realmente ocorre com os suicidas...

Aquela escada partida, apoiada na ampulheta, é uma síntese da convidativa narração do livro. Alguém interrompeu a subida. Antes de esgotada toda a areia da ampulheta, que limitaria uma existência.

\* \* \*

Yvone Pereira escreve, com simplicidade, sobre o evolver de seu processo

mediúnico, da descrença à angústia; do caos mental ao estímulo para a auto-responsabilidade. Concluímos, de sua exposição, não muito clara, que antes de «Nosso lar» (de André Luis), já Yvone Pereira havia recebido, do espírito de Camilo Cândido Botelho, a mensagem que batizamos de «quarta revelação!»

Precedendo, ou não, o «Nosso Lar», o livro de Yvone é um manancial de conhecimentos científicos admiráveis. O ajustamento das lições aos conhecimentos doutrinários é perfeito, nítido, esclarecedor!

\* \* \*

O espírito que nós dá o pseudônimo de Camilo Cândido Botelho, deixa transparecer com as iniciais C. C. B., o suicida, nosso conhecido, de singelas páginas da literatura lusa. A acomodação de sua história, além-túmulo, à vida na Terra, é uma imensa lição de filosofia reencarnacionista. Lição que esclarece, conforta e intimida... Intimida os menos fortes — aquêles que ainda vêm no suicídio, uma fuga de seus sofrimentos e problemas.

Dissemos, acima, que a quarta revelação nos veio pelo «Nosso lar» ou pelas «Memórias de um suicida». A ciência exposta no «Livro dos médiuns» ainda é um tanto apriorista, pela delicadeza do objeto da própria ciência — afirmam alguns.

Daí, ainda empregarmos o vocábulo «revelação». Ou seja, aquilo que do plano espiritual nos venha (antes do nosso conhecimento de fato), perfeitamente ajustável à sequência lógica de nossos raciocínios.

A prece, por exemplo, tão discutida, religiosamente, em nossos arraiais espiritistas, adquire, no livro de Y. Pereira, características de fato científico, claro, nítido, indiscutível.

Quando adquirimos o conhecimento perfeito das conseqüências obtidas pela prece, a mística pseudo-religiosa des-se ato (tornado liturgia inexpressiva), se

metamorfoseará em ação positiva benéfica. Não atiraremos ao léo, palavras vãs, cujos sons não atravessam o teto de nossos Centros ou lares. Faremos movimentos vibratórios mentais que serão ouvidos, nos planos mais altos, e atuarão sobre os necessitados, como fluidos salutares.

Em «Memórias de um suicida», não só a prece adquire características científicas... Palavras de Jesus, aparentemente ilógicas ou desestimuladoras do estudo, tornam-se precisas e justas.

O Mestre nos aconselha a cuidarmos primeiro das coisas do Senhor, que o resto virá de acréscimo. (1) Muitos amigos nossos desejariam ser médicos ou professores. As condições econômicas, a posição geográfica de seus lares, ou outras causas mais fortes, os afastam da concretização de seus sonhos. Sem revolta, humildes, compreensivos, consagram-se, então, «às coisas do Senhor». Amando ao próximo como a si mesmos... No plano espiritual, uma Universidade os espera. Bolsas de estudo em que o «bonus-hora» compensa os desgostos dos mestres, em ambiente magnífico.

\* \* \*

As mensagens do plano espiritual se multiplicam em messes sacrosantas. As revelações nos chegam em catadupas: racionais, simples, belas, constantes...

A meditação e o debate fraterno devem movimentá-las e difundí-las.

«Memórias de um suicida» precisa de nosso comentário e divulgação. Muito mais que a exposição egocêntrica de «nossos pontos de vista» doutorais...

#### NOTA

(1) Em Mateus (cap. 6, vers. 33:)

«Mas buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça e tôdas estas coisas vos serão acrescentadas»

## TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

# A Verdade e as Revelações



VERDADE está nos fundamentos de tudo como CAUSA INICIAL ou DEUS; essa é a VERDADE CAUSAL, a que em si mesma tudo engendra, sustenta e determina, pois ninguém iria, de bom senso, ou honestamente, endossar a ridícula tese de que a CRIAÇÃO veio do nada. Êste absurdo só é proclamado pelos cleros dogmáticos, idólatras e mercenários, ou que fazem da fé meio de vida; isto é, que sujeitam a VERDADE aos imperativos do bôlso, do estômago, e muitas vezes dos mais horripilantes imperialismos materialistas.

A VERDADE CAUSADA, a CRIAÇÃO, reflete aquela outra, a CAUSAL, marchando rumo a ela, pelo desenvolvimento. Pelo menos a parte espiritual da CRIAÇÃO, marcha para a conscientização, para a plenitude psíquica, para o grau crístico ou nirvânico, a união vibratória. Essa é a finalidade do espírito, a meta a ser atingida, o Reino do Céu a ser realizado no ímo.

Esta realidade está firmada em tôdas as Grandes Revelações. E dizemos Grandes Revelações, para afastar o pensamento das religiões forjadas por homens, como sejam as clérigo-dogmáticas, os institutos que vingam pelo mundo desde as mais remotas eras, mercadejando em nome de Deus e da Verdade com tudo quanto é idólatra e formal, mercenário e corrupto.

Falando da VERDADE, focalizamos as Grandes Revelações, pois todos os Grandes Reveladores nada mais foram do que seus arautos; êles tiveram por missão revelar o quanto possível da VERDADE; êles nunca tiveram em mente fundar religiões, criar institutos idólatras, exploradores da fé e juguete dos mais descalavrados politiquismos.

Para reconhecer esta realidade, basta saber o seguinte — enquanto os Grandes Reveladores demonstraram as grandes leis regentes do Cosmos e deixaram campo livre ao progresso, as instituições idólatras, as religiões clericais forjaram dógmas truculentos e dentro dêles procuraram enclosurar os povos, inventando instituições

inquisitoriais para garantir o curso dos tremendos êrros.

Por que, tudo isso? Simplesmente porque a VERDADE não teme investigações, análises e confrontos, enquanto que os manobrismos clericais carecem de convencionalismos criminosos para se garantirem a subsistência. A Verdade mora em casa própria, mas a mentira vive saltando e cabriolando sinistramente, para se garantir a vigência. A Verdade liberta, porque a MORAL, o AMOR e a REVELAÇÃO lhe abrem os caminhos; mas a mentira prende truculentamente, porque teme o trabalho libertador das três virtudes da Lei de Deus.

Eis aí, confrade A. N. de Faria, leitor da REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO, a introdução que faço, a fim de lhe responder à muito amável carta que me enviou, solicitando apreciação resumida sôbre as Grandes Revelações. Peço agora o favor de lêr a síntese abaixo.

1 — Vieram com a Raça Adâmica os primeiros Grandes Reveladores, que foram os trinta e tantos Budas, os quatro Vedas, Rama, os Hermes, os Zoroastros, Crisna; os Patriarcas anteriores e posteriores ao Dilúvio, Moisés, Apolo e Orfeu, etc. E se quiser sondar a intimidade doutrinária, verá que tôdas as Grandes Revelações tinham uma mesma CHAVE INICIÁTICA. Por exemplo, observe os grandes codificadores, como Manu, Henoch, Moisés e Pitágoras. Tudo em bases esotéricas e tudo com a mesma CHAVE INICIÁTICA; tudo trancado a sete chaves e tudo se movendo em tórno das três virtudes da Lei de Deus, ela que data de mais de duzentos mil anos, ela que foi muitas vezes retransmitida. Embora de portas fechadas, mas a MORAL, o AMOR e a REVELAÇÃO sempre estiveram acionando os Grandes Iniciados e o seu trabalho.

2 — Por trinta e seis séculos foi esperado Aquêle que viria abrir as portas dos Cenáculos Esotéricos. Em tôdas as partes da Terra, onde houvesse cultivo da Revelação, houve quem falasse da Sua vinda. E um dia repontou no seio do Povo de Israel, o mais profético de todos, Aquê-

le que viria derramar do Espírito sôbre a carne, que viria Batizar em Espírito. Os Profetas disseram tudo sôbre Êle; e Êle veio para cumprir a Promessa feita pelo Céu, através de dezenove textos do Velho Testamento. Procure no livro: «LEI, GRAÇA E VERDADE».

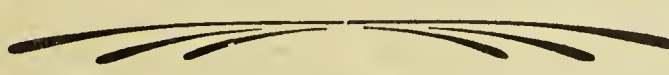
3 — Em Sua obra a morte não faria trunicações; Êle venceria o túmulo e cumpriria a Promessa Antiga. Afora aquilo que disseram João Batista e Êle, sôbre o CONSOLADOR, procure-se o que se encontra nos capítulos um, dois, sete, dez e dezenove, do Livro dos Atos. E como acréscimo apostolar e histórico do Batismo de Espírito, ninguém deixe de lêr os capítulos doze, treze e quatorze da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios. Porque êses três capítulos representam o resumo do Evangelho, uma vez que o Evangelho é o programa que dá vigência aos três sentidos da Lei de Deus, a MORAL, o AMOR e a REVELAÇÃO, a quem o Cristo veio dar inteiro e livre curso. Porque antes d'Êle, como ficou dito, tudo era mantido oculto, a Doutrina da Verdade era conhecida e cultivada em secreto nos Cenáculos Esotéricos.

4 — A Doutrina que se encontra exposta nos textos acima citados, de caráter essencialmente revelacionista, durou apenas até o primeiro quartel do século quatro. Ali teve o seu fim, porque o Imperador Constantino, para garantir o Império, que se esfrangalhava, deliberou liquidar o Caminho do Senhor, criando a Igreja Católica Apostólica Romana. Tomou os nomes de Deus, do Cristo e dos vultos martirizados; forjou, de parceria com os sacerdotes jupiterianos, um ritual e alguns dogmas; perseguiu de morte os cultivadores do Batismo do Espírito ou da Revelação; e lançou as primeiras chamas da Inquisição, para garantir o instituto idólatra, cujo fim era garantir o Império. No capítulo treze do Apocalipse se encontram todos os informes sôbre o aparecimento da corrupção, que se levantaria na Cidade dos Sete Montes. Ali findaria, como findou, a Excelsa Doutrina, que tinha e tem fundamento na MORAL, no AMOR e na REVELAÇÃO.

5 — Passados os tempos de treva, dá-se no século treze o grande conclave, nas proximidades da Crosta; Jesus ordenaria o início dos trabalhos restauradores; e a Humanidade conheceria vultos como Wicliff, João Huss, Joanna D'Arc, Lutero e Giordano Bruno, os primeiros lutadores contra a bêsta apolítica e seus crimes. Quase todos pagaram com a vida o trabalho de lutar a bem da reposição das coisas no lugar; conseguiram, porém, o intento, conquistando a liberdade de culto e o grandioso trabalho de disseminar o Evangelho pelo mundo. Estava garantido o alicerce do Novo Pentecoste, da nova eclosão mediúnica, para dias vindouros e próximos.

6 — Voltaram alguns deles, como é sabido, no século dezenove. João Huss veio na personalidade de Kardec, trazendo consigo dois encargos: arrastar a nova manifestação mediúnica e fazer o trabalho codificador. O número de trabalhadores encarnados foi enorme e continua sendo enorme. Todavia, como foi-lhe dito, Kardec não terminou a obra. E assim que desencarnou, Jesus ordenou a Terra do Cruzeiro do Sul, como sendo aquela que deveria ser o lugar onde os mesmos trabalhos deveriam ter continuação. Porque a RESTAURAÇÃO compreende a consolidação e a extensão sôbre tôda a carne, da Doutrina que se fundamenta na MORAL, no AMOR e na REVELAÇÃO. Essa foi a ordem do Mestre e isso estão procurando fazer, aquêles que têm a obrigação de executá-la. Ninguém está querendo ser fundador de nova religião; estamos expondo os fundamentos da Excelsa Doutrina, a fim de que a VERDADE seja conhecida e cultivada por todos os homens de boa-vontade. Ademais, para quem quiser observar, basta fazer como Jesus fêz — cultive os três sentidos da Lei de Deus, que estará absolutamente integrado no Espiritismo, na Doutrina Integral ou cósmica. Porque, saibamos, ainda que passem os mundos e as formas, nunca passarão a MORAL, o AMOR e a REVELAÇÃO.

Oswaldo Polidoro.



*Tôdas as vêzes que tivermos o desejo de esclarecer um semelhante, tenhamos o cuidado de agir de modo a não nos tornarmos passíveis de penalidade, por infração aos princípios da caridade. — Oscar F. Carneiro.*

# Devemos ou não, comer carne ?

Elpídio de Almeida Campos

Muito já se escreveu em torno do assunto, que vem causando dúvidas à maioria dos espíritas, cada um procurando advogar a causa com maior dose de justificativas, tornando-se difícil, senão impossível, afirmar com quem está a razão.

Comer ou não comer carne, eis a questão !

A tese é palpitante, qualquer que seja a corrente esposada e por isso mesmo, aqui estou para dar também a minha opinião despretenciosa. Cerro fila com os abstencionistas, porque não vejo razões para nos servirmos de alimentos constituídos pelos corpos dos nossos irmãos inferiores. Meu partidatismo não chega às raias do extremismo, logo se vê, mas vou me preparando pouco a pouco para abster-me por completo do uso da carne em momento oportuno, mesmo porque as mudanças de regimen alimentar, não devem ser feitas abrupto.

Encontro-me à vontade para falar, pela razão acima exposta e tenho encarado o problema sob o duplo aspecto, doutrinário e científico.

No primeiro caso as opiniões divergem bastante, mas no segundo, embora contrariando o meu modo de pensar, a maioria dos fisiologistas opina pela alimentação em que a carne ocupa um lugar de destaque, alegando que suas proteínas são de mais fácil digestibilidade. Estou, no entanto, convencido de que essa maioria opina por simples vontade, porque os fatos provam completamente o contrário.

Analisemos os dois lados da questão :

Inegavelmente a palavra abalizada está na aquiescência de Kardec, em o n.º 723 do Livro dos Espíritos. Mas é preciso levarmos em conta que a resposta dada pelos espíritos à pergunta de Kardec, foi numa época muito remota, em que a humanidade muito atrasada, de outra forma não a aceitaria, considerando também que o assunto não constituía matéria de relevante importância que agora lhe prestamos.

Todos nós sabemos também, que

Kardec afirmou com singular despreendimento que «se um dia a ciência provar que o espiritismo está errado em um dos seus pontos, êle se modificará». Ora, nós acabamos de comemorar o 1.º Centenário da Codificação da Doutrina Espírita e isto vale por dizer que pelo menos um pouco, a humanidade já evoluiu. Se evoluiu, já deve estar em condições de melhorar os seus conhecimentos.

Por isso, e com muita razão, acho que devemos voltar nossas vistas para os ensinamentos de Ramatis, que afirma: «o excesso de gula intoxica o sangue, retardá as funções cerebrais e oprime o sistema nervoso, rebaixando as vibrações salutares do espírito para o nível grosseiro das operações instintivas», apontando as úlceras, cânceres, cirroses, nefrites, entero-colites etc., como consequência das lautas mesas festivas e pantagruélicas. E, quando falamos em lautas mesas festivas, podemos imaginar logo a carnificina.

Note se ainda as doenças que podemos contrair pelo uso da carne, bastando citar as teniases.

Do ponto de vista dito científico, resta-nos provar se a abstenção da carne é prejudicial ao homem. Para isso vamos fixar primeiro o conceito de alimento : —

Por definição, «alimento é toda substância que introduzida no organismo, após sofrer elaboração especial, serve à preparação da substância viva dos tecidos e fornece a energia necessária à sua atividade».

O homem serve-se de alimentos de duas grandes categorias : INORGÂNICOS e ORGÂNICOS.

Ao primeiro grupo pertencem a água e os sais mineirais (cloretos e fosfatos de sódio, potássio, cálcio, magnésio, ferro, etc.)

Ao segundo grupo pertencem as gorduras, hidratos de carbono e albuminoides, também chamados proteínas.

Como sabemos, as gorduras podem ser tanto de origem animal como vegetal. Estas têm sido ultimamente muito

mais usadas pelo homem, por questões econômicas, e já se tem provado que são muito mais saudáveis.

Os hidratos de carbono ou feculentos são de origem vegetal e como exemplo podemos citar o amido e os açúcares (glicose, levulose, sacarose, etc.) São considerados matéria orgânica específica do protoplasma.

Ficamos finalmente com as proteínas, indispensáveis à alimentação. Mas estas também podem ser de origem vegetal ou animal (carne). Das proteínas vegetais podemos citar o gluten, legumina e as proteínas dos cereais. Das proteínas animais, somente a fibrina e a osseína são encontradas exclusivamente na carne. As outras, isto é, a vitelina, a ovalbumina, caseína, gelatina, etc., nós encontramos nas frutas, ovos e principalmente no leite e seus derivados.

Notem bem, somente duas proteínas (fibrina e osseína) não são encontradas nos outros alimentos.

Será que por causa dessas duas proteínas se justifica a necessidade, dita imperiosa de se comer carne? Em caso

afirmativo eu pergunto ainda: mas então o nosso organismo não tem capacidade de síntese dessas proteínas?

Do exposto é fácil concluir-se que o homem pode perfeitamente abster-se do uso da carne e vísceras de animais, deixando de ser NECRÓFAGO, limitando-se a uma alimentação de vegetais e de produtos animais, como leite e ovos. É o que se chama regimen VEGETARIANO, o único e compatível com o amor e a gratidão que devemos ter para com as espécies de animais domésticos que tantos serviços nos prestam no nosso incessante labutar.

Para finalizar, se levamos em conta as vitaminas ingeridas e indispensáveis, não somente à nutrição mas também ao crescimento, podemos proclamar de uma vez por todas, ser desnecessário ao homem a alimentação carnívora, pois, aí estão a couve-flor, espinafre, cenoura, limão, laranja, abacate, chocolate, etc., etc., para nos sustentar.

*Barretos — Est. S. Paulo*

*3 de janeiro de 1958.*

## Esclarecimentos Necessários

**F**AZENDO a revisão das provas de meu último livro, «Como os Teólogos Refutam...», retardei um pouco a resposta ao artigo «A Bíblia e o Espiritismo», de J. Herculano Pires, publicado nesta revista, em seu número II, de 15 de novembro do ano findo.

Desejaria que meu prezado antagonista se desse ao encômodo de trocar em miúdos suas idéias, no que concerne ao livro sagrado dos judeus. Tenho imenso desejo de compreendê-lo, mas, pelo que se vê, não o consegui, ainda. As suas objeções um tanto dogmáticas, não me satisfazem. Admiro sua forma de escrever, seu estilo elegante e fluente, porém, sinceramente, não percebo na essência de seus artigos, nada que me impulse a mudar de ponto de vista. O ilustre jornalista generaliza muito, nunca exemplifica.

Inicia-se o meu opositor, falando em tom profético, de um livro — «Contradições Bíblicas», aparecido em São Paulo,

que provocou certos reboliços nos meios espíritas e para o qual prognosticou um bem triste destino. Logo em seguida, fala do meu, «Da Bíblia aos nossos Dias», e, como êste «pretende apontar contradições no velho texto», prognostica, também, para êle, o mesmo triste destino. O meu livro estará fadado ao esquecimento e a Bíblia, como sempre, surgirá impávida e gloriosa, como um marco indelével na evolução espiritual da Terra.

Os que assim se pronunciam, dando ao Antigo Testamento epítetos tão extraordinários, parece que esquecem ou não levam em conta os livros sagrados de religiões mais antigas, onde a moral e os conhecimentos científicos sobrepujam de muito os da Bíblia.

Mas, mesmo assim, saiba o caro Herculano que eu não esgotei o assunto sobre o livro que é motivo de nossas divergências. Quando a sua profecia começar a cumprir-se, sairá o segundo volume de meu livro, com o mesmo título e o

ilustre jornalista desfrutará, mais uma vez, a felicidade de ser o primeiro a erguer a pena, em defesa, não só do Velho, mas, ainda, do Novo Testamento. Não me refiro à moral que distila dêste último, que, para mim, é insuperável, mas de seus erros históricos, de suas contradições, de suas interpolações, do plágio incontestável de suas lendas, que eu provarei com a História e com os textos que êle contém, da mesma forma que procedi com o primeiro volume, hoje conhecido e criticado.

Peço licença para divergir das expressões contidas no artigo de meu opositor: «pretende apontar contradições no velho texto». Eu não pretendo apontar coisa nenhuma, eu apontei, o que é muito diferente. E não só contradições, como imoralidades, matanças, injustiças, crimes de tôda a espécie e erros científicos no livro que defende com tanto ardor. Provei que o «Pentateuco» nunca foi escrito por Moisés, que a Bíblia não fala na imortalidade da alma, que ela se restringe aos castigos e recompensas materiais, não erguendo, siquer, uma vez, os olhos para a nossa grande esperança espiritualista, de uma vida de além-túmulo. Digo mais, o que não disse, ainda, isto é, que seus profetas, ou homens de Deus, são muitos dêles, assassinos comuns e donos de um fim nada invejável. Vemos um Elias, o tal que subiu ao céu em um carro de fogo, degolar, com a maior simplicidade, os profetas de Baal, no ribeiro de Kison; um Elizeu consentir com a maldição que duas ursos saídas do mato, espedaçassem quarenta e dois meninos, pelo fato de o haverem chamado de careca, o que devia ser verdade. Vemos, ainda, um Samuel cortar em pedaços o rei Agag, prisioneiro de Saul, pôsto a resgate; Josias entregar-se a atos de demolição, nada deixando em pé. Queimar estátuas e carros; queimar os animais sagrados e os sacrificadores sôbre os seus próprios altares, atirando ao vento suas cinzas e os seus ossos; exterminar todos os advinhos, feiticeiras, pitonizas e mágicos. Um profeta caldeu, o tal de Balaão, trocar idéias com sua montaria, uma bêsta, dela receber lições de moral, de forma que ficamos na dúvida, qual dos dois era realmente mais burro ou se os brutos eram mais sagazes que os profetas daquele tempo, etc. . . . e assim por diante. Provei que não há filosofia no livro sagrado dos judeus. E nada do

que provei, foi ainda desmentido, nem o será.

O caro Herculano não se deu, até hoje, ao trabalho de apontar os erros de minhas citações históricas, nem tão pouco demonstrar a falsidade dos textos apontados por mim, para alicerçar as minhas provas. Nunca me respondeu se o livro que defende e que exalta, com frases bonitas e eloquentes, pode servir-nos de faról ou ser lido de ponta a ponta pelas nossas filhas!

Reproduzimos aqui, uma das tais frases de grande efeito, de meu antagonista:

«A Bíblia é para êle, Kardec, um livro de grande importância histórica, pois representa a codificação da I Revelação. A seguir vêm os Evangelhos que são a codificação da II Revelação. E depois, como sabemos, «O Livro dos Espíritos» e as obras que o completam, formando a codificação do Espiritismo. Todo um processo histórico está representado nesta trilogia. Se o confrade Cavalcanti tivesse compreendido isso, em vez de escrever um livro demolidor, aproveitaria o sugestivo título que usou, «Da Bíblia aos nossos Dias», para mostrar a beleza, a harmonia e a grandeza desta extraordinária sequência das fases evolutivas da humanidade terrena».

Como está demonstrado pela pena brilhante do Herculano, eu não compreendo nada; tôdas as minhas conclusões são erradas, naturalmente, por não serem as mesmas de meu ilustre opositor. Para êle, os que estudam a História não ficam conhecendo a beleza, a harmonia e a grandeza desta extraordinária sequência das fases evolutivas da humanidade terrena. Isto só se encontra na Bíblia. São pontos de vista.

Mas, prezado jornalista, o que se dá comigo é justamente o contrário. O que eu faço é penetrar fundo no pensamento do Mestre sem me deixar levar pelas primeiras impressões. Nunca me atenho a uma frase isolada, procuro fazer um feixe de tôdas elas, sôbre qualquer assunto, e só, então, é que começo a tirar as minhas conclusões.

Falemos, pois, da Primeira Revelação. Empreguemos no desenvolvimento desta tese a única faculdade da inteligência, que é o raciocínio. Joguemos, por alguns instantes, fora do arraial ilumina-



do da razão, a fé cega que tantos males vem causando à humanidade.

Verdadeiramente, encontra-se no I Cap. de «O Evangelho Segundo o Espiritismo», as três Revelações: a de Moisés, a de Cristo e a do Espiritismo.

Para considerar a Bíblia a «Primeira Revelação», estriba-se Kardec no Decálogo, que êle, respeitando a crença ocidental, diz ter sido recebida por Moisés, no monte Sinai.

Mas será esta, uma crença firme do Mestre? Acreditará êle que, em realidade, foi o patriarca dos judeus que recebeu das mãos de Jeová, o Decálogo, entre charangas e trovões, no monte Sinai? É o que veremos.

«É de todos os tempos e de todos os países esta lei e tem, por isso mesmo, caráter divino. Tôdas as outras são leis que Moisés decretou, obrigado que se via, a conter pelo temor, um povo de seu natural turbulento e indisciplinado, no qual tinha êle de combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravidão do Egito». («O Evang. Seg. o Espiritismo», Cap. I, pág. 44).

Deixemos a segunda parte da citação, uma vez que sendo as leis de Moisés feitas para um povo de seu natural turbulento e indisciplinado, não mais nos pode servir, e raciocinemos com calma, quanto à primeira parte.

Se esta lei, como diz a citação acima, é de todos os tempos e de todos os países e tem, por isso mesmo, caráter divino, ela logicamente, já existia em época anterior a Moisés, que nada mais fez que transplantá-la, atribuindo-a a seu Deus.

Quando afirmo que Kardec contemporizou com a crença do Ocidente e por isso aceitou o Decálogo como sendo recebido no monte Sinai, é porque não concebo que o Mestre seja contraditório. Ou a lei foi recebida por Moisés, ou existia em todos os tempos e em todos os países. As duas coisas é que não podem ser.

Em realidade, outros povos a possuíam. Em meu livro «fadado ao esquecimento», à página 173, encontram-se os mandamentos bramânicos. O código de Hamurabi, além disso, recebido por êste rei babilônico das mãos de seu Deus Marduque, cerca de 700 anos antes do Sinai convencional, e que não passou, então, se-

gundo Ciro de M. Campos, de uma condensação, ordenação e reajustamento de velhos costumes e leis, contém em si quase tôda a legislação bíblica.

Cái, assim, por terra, pelo testemunho da História e pelas próprias palavras de Kardec, que considera o Decálogo uma lei de todos os tempos e de todos os países, o motivo de ser a Bíblia considerada a «Primeira Revelação».

Se Kardec, contemporizando com a crença do Ocidente, baseou-se nos mandamentos, para dar epíteto tão importante ao livro sagrado dos judeus, por minha vez, baseado na História e nas próprias palavras do Codificador, ao menos por equidade, devo conceder a Manu e a Hamurabi as mesmas prerrogativas concedidas a Moisés.

Quando se pensa o que Kardec afirmou a respeito do Deus bíblico, e que os textos da Bíblia confirmam exuberantemente, basta isso, para desmentir a invenção de que êste Deus, com todos os defeitos humanos, fôsse capaz de apresentar a Moisés no monte Sinai, as táboas da lei. Um Deus perverso, assassino, destruidor, vingativo, ciumento e vaidoso, que aprende preceitos de moral com as suas criaturas, não estaria nunca em condições de ditar princípios, como os que se encontram no Decálogo.

Mas, não é tudo. Tenho muito mais a dizer. Quem quer que folheie «O Evangelho Segundo o Espiritismo», encontrará na «Introdução» dêste livro, à pág. 32-IV, um estudo do Codificador, intitulado «Sócrates e Platão, Precursores da Idéia Cristã e do Espiritismo».

Eis o que nos diz o Mestre :

«Do fato de haver Jesus conhecido a seita dos essênios, fôra errôneo concluir-se que a sua doutrina hauriu-a êle desta seita e que, se houvera vivido noutro meio teria professado outros princípios. As grandes idéias jámais irrompem de súbito. As que assentam sobre a verdade sempre tem precursores, que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, em chegando o tempo, envia Deus um homem, com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuní-los em corpo de doutrina. Dêsse modo, não surgindo bruscamente, a idéia ao aparecer, encontra Espíritos dispostos a aceitá-la. Tal o que se deu com a idéia cristã,

que foi presentida, muitos séculos antes de Jesus e dos essênios, tendo por principais precursores Sócrates e Platão.

Sócrates, como o Cristo, nada escreveu, ou pelo menos, nenhum escrito deixou. Como o Cristo, teve a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por haver atacado as crenças que encontrara e colocado a virtude real acima da hipocrisia e do simulacro das formas; por haver, numa palavra, combatido os preconceitos religiosos. Do mesmo modo que Jesus, a quem os fariseus acusavam de estar corrompendo o povo com os ensinamentos que lhe ministrava, também êle foi acusado, pelos fariseus de seu tempo, visto que sempre os houve em tôdas as épocas, por proclamar o dogma da unidade de Deus, da immortalidade da alma e da vida futura. Assim como a doutrina de Jesus só a conhecemos pelo que escreveram seus discípulos, da de Sócrates só temos conhecimento pelos escritos de seu discípulo Platão».

Depois destas palavras, Kardec resume a doutrina de Sócrates e de Platão, e num estudo comparativo, prova a semelhança existente entre ela, a de Jesus e a do Espiritismo.

Quando foi que Kardec fez o mesmo com Moisés? Quando fez êle a comparação entre a doutrina do povo hebreu com a do Espiritismo? Quando foi Moisés chamado de precursor pelo Mestre?

O codificador possuindo um bom senso invejável, não querendo ferir a crença do Ocidente, apontou o Decálogo e tão somente o Decálogo e não a Bíblia tôda, como a «Primeira Revelação», porque êste se prestava, pela sublimidade de suas leis, a qualquer religião; não deixa,

entretanto, de apontá-lo como um código existente em tôdas as épocas e em todos os países. Mas, quando se refere aos dois extraordinários filósofos, não tem evasivas, é positivo, peremptório.

«Revivesse Platão e acharia as coisas quase como no seu tempo e poderia usar da mesma linguagem. Também Sócrates toparia criaturas que zombariam da sua crença nos Espíritos e que o qualificariam de louco, assim como a seu discípulo Platão.

Foi por haver professado êsses princípios que Sócrates se viu ridicularizado, depois acusado de impiedade e condenado a beber cicuta. Tão certo é que, levantando contra si os interesses e os preconceitos que elas ferem, as grandes verdades novas se podem firmar sem luta e sem fazer mártires». (O Evang. Seg. o Espiritismo, — Introdução — pág. 42).

Que a lei do Antigo Testamento tenha convencionalmente a sua personificação em Moisés, ainda, se admite. Agora, querer impingir-se a espíritos esclarecidos que o Decálogo foi recebido das mãos de Deus, por Moisés, no monte Sinai, é fazer muito pouco da inteligência alheia.

Se os dez mandamentos são leis de todos os tempos e de todos os países, é razoável que não saibamos qual a primeira revelação recebida do Alto pelo homem, por isso, é que eu sempre digo, que há tantas revelações no mundo quantos foram os verdadeiros instrutores da humanidade. O resto é fantasia, parta de quem partir.

Mário Cavalcanti de Mello.

## Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr.\$ 170,00	Do 20.º ano Cr.\$ 150,00	Do 27.º ano Cr.\$ 150,00
Do 4.º ano . . 170,00	Do 21.º ano . . 150,00	Do 28.º ano . 150,00
Do 5.º ano . . 170,00	Do 22.º ano . . 150,00	Do 29.º ano . 150,00
Do 6.º ano . . 170,00	Do 23.º ano . . 150,00	Do 30.º ano . 150,00
Do 7.º ano . . 170,00	Do 24.º ano . . 150,00	Do 31.º ano . 150,00
Do 18.º ano . . 170,00	Do 25.º ano . . 150,00	
Do 19.º ano . . 150,00	Do 26.º ano . . 150,00	

## Kardec, no Centenário do Livro dos Espíritos

A comemoração do Centenário do Livro dos Espíritos foi efetivada aqui e em toda parte onde o Espiritismo é praticado. Nessa comemoração, Allan Kardec ocupou toda a atenção do mundo espírita. Falou-se no trabalho do codificador da Doutrina dos Espíritos, neste ano, com unção e reconhecimento, com toda razão. Os benefícios que o Espiritismo vem prestando à humanidade, há um século, são devidos, em grande parte, à luminosa atividade desse grande Missionário. E resultaram dos princípios fundamentais, firmados e demonstrados por Kardec, quais sejam existência e comunicabilidade dos Espíritos, seu progresso incessante e ilimitado; pre-existência dos Espíritos e suas reencarnações sucessivas e redentoras, rumo à perfeição, a custa de seus próprios esforços e, em geral, a seu livre arbítrio; constante interferência dos Espíritos na vida dos homens, para o bem e para o mal, de acordo com as tendências e as ações dos próprios homens, que os atraem, bons ou máus; pluralidade dos mundos habitáveis, numa escalada ascendente para Deus; descida de Jesus Cristo à terra, como enviado divino, a exemplificar o amor e o perdão e a demonstrar o poder da fé e da santidade; gradatividade da revelação de Deus aos homens, à medida do seu progresso moral; relatividade perfeita entre as encarnações passadas e a presente, bem como desta com a futura, a presente sendo consequência das passadas e a futura sendo consequência da presente, o homem, por isso mesmo, construindo na vida atual a felicidade ou a desgraça da sua vida futura, em resumo, o homem criando o céu ou o inferno para seu espírito eterno, cada um tendo o que merece, segundo as suas obras.

Em «O Livro dos Espíritos» êle coordenou, estabeleceu e nos legou a legítima filosofia espiritualista. Em «O Livro dos Médiuns», elucidou uma série de fenômenos psíquicos e organizou um tratado simples, racional e claro de Espiritismo experimental.

No livro «O Evangelho Segundo o Espiritismo», Allan Kardec, assistido por espíritos luminosos, deu-nos a explicação das principais máximas morais do Cris-

to, à luz da Verdade, e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida humana, inculcando-nos a fé inabalável, aquela fé que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.

Em «O Céu e o Inferno», humanizou a justiça divina, derrocando os dogmas das penas eternas e da celestial indolência contemplativa dos santos, desfazendo a lenda católica romana da existência de um céu, de um purgatório e de um inferno estabelecidos, demarcados e mantidos por Deus, nos confins do Universo, em cima, no meio e em baixo, irracionalmente dividindo assim o infinito.

Em «A Gênese», baseado na ciência positiva, demonstrou a origem exata de tudo que existe, abordando o tema dos milagres e das predições com clareza absoluta.

Em «Obras Póstumas», com a sinceridade que o caracterizou, ofereceu-nos um relato precioso dos seus primeiros estudos espíritas, uma orientação segura para o futuro do Espiritismo e um código perfeito de ética espírita, individual e associativa.

«A Prece», «O Que é o Espiritismo», «O Principiante Espírita», são outros volumes, embora de menos importância, que completam as obras reformadoras de Kardec, sendo a «Revista Espírita», o primeiro periódico espírita editado na Terra, por êle lançado e escrito, um dos maiores acervos da Terceira Revelação Divina, que é o Espiritismo.

Nesses livros e nessa Revista, Kardec corporificou a Doutrina dos Espíritos, que é, ao mesmo tempo, religião, ciência e filosofia. Lendo-os ficamos abismados com a puerilidade dos dogmas irracionais do pecado original, da salvação pelos sacramentos, dos suplícios eternos; e alicerçamos a nossa convicção num deísmo grandioso, abarcando tudo na evolução progressiva dos mundos e dos seres por suas próprias forças. Graças a êles, a idéia de Deus, para nós, é plenamente aceitável; as desigualdades sociais de inteligência, de moralidade, de saúde, de cor, de fortuna, etc., encontram sua razão de ser.

O próprio mal tem a sua explicação, deixando de ser o produto das forças cegas da natureza, impondo-nos efê-

meros sofrimentos sem compensação, para tornar-se, tão somente, a contingência da inferioridade dos mundos e dos seres, como condição necessária para o seu progresso.

Bendito seja Kardec, por isso!

O Espiritismo é um facho de luz divina a desfazer as trevas da Terra. E a Humanidade, guiada por êle, não se cansará de agradecer a Deus a graça concedida a Kardec, de pôr êsse facho luminoso ao alcance de todos.

Leon Hipolyte Denizart Rivail (que se pronuncia — Lêon Hipolite Dênizar Rivále) mais conhecido pelo seu pseudônimo de «Allan Kardec», nasceu em Lyon, França, a 3 de outubro de 1804; e faleceu em Paris a 31 de março de 1869.

Foi um homem cultíssimo, estudioso, médico, professor de várias matérias dos cursos secundário e superior, bondoso, trabalhador, honesto, dedicado aos problemas sérios da vida, à família, ao lar, idealista sincero e enérgico, capaz de todos os sacrifícios a prôl da verdade espiritualista, o nobre e indiscutível Mis-

sionário da Codificação do Espiritismo na Terra. —

O sábio prof. Charles Richet, materialista, fundador da Metapsicologia, assim se refere, insuspeitissimamente, ao querido e eminente mestre Allan Kardec: «C'est surtout à M. H. Rivail, docteur en médecine (1803-1869), à peine connu par le nom de Rivail, célèbre sous le pseudonyme de Allan Kardec, que fut due cette théorisation du Spiritisme». Il faut admirer sans réserve l'énergie intellectuelle d'Allan Kardec». «C'est toujours sur l'expérimentation qu'ils appuis, de sorte que son euvre n'est passeulement une théorie grandiose e homogene, mais encore un imposant faisceau de faits». (Traité de Métapsychique, pág. 33).

Bendito seja Kardec para sempre! Que Deus continue a projetar sobre seu espírito a luz eterna. E que êle possa refleti-la, em novos ensinamentos, à Humanidade terrena.

Aleixo Victor Magaldi.

Volta Redonda, Dezembro de 1957.

---

---

# Crônica Estrangeira

## «TWO WORLDS»

Êste semanário inglês completou, a 18 de novembro de 1957, o seu septuagésimo aniversário.

«Two Worlds» teve um nascimento real e fecundo. Foi fundado por Emma Hardinge Britten, cognominada a imortal Rainha do Espiritismo, a médium através da qual vieram os «Sete Princípios», e fundadora da «Federação Nacional do Espiritismo»: o primeiro movimento organizado, que, 11 anos depois, se tornou a União Nacional do Espiritismo.

Bela, brilhante, extraordinariamente dotada, oradora exímia. O «Daily Telegraph» descreveu-a como a primeira oradora da época, a fundadora do Espiritismo na Inglaterra.

Foi Emma, salvo êrro, a primeira e única mulher a fundar e dirigir um periódico espírita.

Nascida em 1823, a leste de Londres, filha de um capitão marítimo, percorreu ela diversos países: América do Norte,

Canadá e Austrália. De volta de uma viagem, fixou residência em Manchester, onde fundou «Two Worlds». Em 1870 contraiu nupcias com o Dr. Britten.

A snr<sup>a</sup>. Emma era notável médium dotada de múltiplas faculdades.

Estando ela em Nova York, foi conduzida a uma sessão espírita, e durante duas horas esteve em estado de transe, quando ouviu a voz de seu irmão «morto», Tom, dizer «Volte para mamãe. Ela lhe contará que achou algo no velho baú de folha, que vale seu peso em ouro». De volta à Inglaterra, foi encontrada na mencionada caixa, um desaparecido retrato de Tom.

Isto induziu-a a desenvolver seus dons psíquicos, na Inglaterra.

Em uma sessão os assistentes viram uma mesa de madeira, saltitar, afastar-se de Emma, elevar-se suavemente, à maneira de um pássaro e atingir o teto da sala. Então descobriram que estavam em presença de potente médium. Emma dirigiu-se ao piano, a mesa pôs-se a dançar e a

bater em compasso com a música executada.

Em rápida sucessão, Emma acrescentou à sua mediunidade: a levitação, clarividência, clariudiência, escrita automática, oratória em transe, psicometria e cura espiritual.

Emma desencarnou em 1899.

Evan Powell, contemporâneo de Emma Britten escreve na edição comemorativa do septuagésimo aniversário de «Two Worlds»:

O próximo diretor com quem estive em contacto, foi J. J. Morse.

Eu e minha mulher tivemos a honra de entrevistá-lo em diversas ocasiões.

Estive sentado a seus pés enquanto seu guia o controlava e derramava sua filosofia. Como era maravilhoso estar sentado aos pés dêsse moderno Gamaliel! Seus ensinamentos sobre «Fenômenos Psíquicos», como base para a nossa Religião Espiritual era obra magistral. Seu serviço funerário, hoje usado em toda a Inglaterra, foi um monumento permanente à sua obra.

O próximo diretor, Will Phillips, que bem conheci, era orador brilhante, ardente polemista, destemido batalhador pela democracia. Durante os últimos anos de sua vida, nós nos reuníamos em Torquay. Pouco antes de desencarnar, ditou sua última vontade, «que eu conduzisse o serviço funerário no crematório de Plymouth». Suas últimas palavras foram — estava ele com 82 anos —: «Lembre-se, Evan, um serviço livre de teologia».

Nos dias de Will Phillips como diretor de Two Worlds nós considerávamos o ataque como a melhor forma de propaganda. Em Wales do Sul havia uma sólida organização chamada «Sociedade de Evidência Cristã».

O assunto predileto de seus discursos era Espiritismo. O orador chefe era o Rev. (irreverente ao que nos concerne) W. T. Lee. Este aceitou um debate em público e Will Phillips foi o nosso defensor.

Na segunda noite o salão estava repleto, mas só havia um orador, Will Phillips. O Rev. desaparecera e a Sociedade Cristã de Evidência teve um calmo serviço funerário.

Quando Cairbar Schutel fundou a Revista Internacional do Espiritismo, isto há 33 anos, era diretor de «Two Worlds» o célebre Ernest Oaten. Sir Arthur Conan Doyle certa vez disse:

«Oaten é meio pugilista e meio sacerdote». E. Oaten afirmava que seu principal guia era Emma Hardinge. A Revista Internacional do Espiritismo teve a colaboração do distinto confrade Ismael Gomes Braga que se incumbia de traduzir de «Two Worlds» artigos e crônicas, pois esse confrade conhece a fundo a língua inglesa, bem como outros idiomas.

Forçado a afastar-se da direção do jornal, E. Oaten foi substituído pelo atual diretor Maurice Barbanell, outro intrépido pugilista.

Barbanell escreveu o seguinte na edição do 70.º aniversário de «Two Worlds»:

«Alí, sobre a parede, estavam as fotografias dos passados diretores que me olhavam. Não pretendo ser clariaudiente, mas afirmo que eles pareciam falar-me. Suas «mensagens» vieram à minha consciência nesta forma:

«Durante quase 70 anos este jornal procurou aparecer todas as semanas. Ele sobreviveu a guerras, desastres nacionais, crises financeiras. Você não pode deixá-lo morrer».

«Então eu senti que devia salvá-lo.

«Bem, esta tarefa está sendo cumprida, com a ajuda de auxiliares».

Pareceu-me acertado escrever isto na edição do 70.º aniversário de «Two Worlds».



## Congresso Internacional de Paris

Como noticiamos foi realizado de 7 a 14 de setembro do ano passado, em Paris, mais um congresso trienal, patrocinado pela Federação Espírita Internacional. À grandiosa reunião aderiram representantes de vários países da Europa, da Argentina, da África do Sul, da Índia, da Indochina, de Israel, do México, da Nova Zelândia, de Porto Rico, da Turquia e dos Estados Unidos.

Foi uma semana repleta de conferências, excursões, visitas diversas, sessões mediúnicas, etc.; de modo geral todas as atividades causaram ótima impressão aos visitantes, ao meio espírita francês e a imprensa leiga parisiense.

Entre os ilustres participantes citamos o Lord Dowding e senhora, o mé-

dium D. Bedbrook, veteranos espíritas da Inglaterra, dr. Karl Müller, pesquisador de Zurich, os mais antigos espíritas francêses, como H. Forestier, A. Dumas, G. Gonzalés, C. Chaise, etc.

Abaixo, apresentamos uma síntese dos principais acontecimentos, extraídos de «La Revue Spirite» de nov.-dez. 1957 (n.º especial), que se desenrolaram na Cidade-Luz:

*Discurso de Bedbrook* (presid. da Fed. Esp. Int. e tradutor do Livro dos Espíritos, para o inglês) — foi salientado o progresso do Espiritismo no Brasil, o qual «conta talvez com mais espíritas do que qualquer país do mundo», que foram influenciados pelas obras de Kardec.

*Filme colorido de um campo espírita* — trata-se de um filme tirado em Chesterfield, Indiana, USA, pela sra. E. C. Benavides, dedicada obreira do México; serviu para ilustrar a atividade da doutrina nos Est. Unidos.

*Conferência de J. Nimère* — relatou as produções artísticas de caráter supra-normal de P. M. Lucas; são desenhos inspirados, feitos com lâminas de barbear sobre uma fôlha de cartolina e colados em vidro. O desenho deve ser visto em frente de uma luz forte, por transparência, para apresentar o melhor efeito.

*Propaganda* — P. Neuville, redator do semanário parisiense, «La Presse» sugere aos presentes o uso do máximo rigor com o fim de desmascarar os impostores e os falsos médiuns existentes; e pede para que recolham tôda a documentação moderna dos fatos espíritas, após a devida observação ou contrôle.

*Teses apresentadas* — em número de 15, entre elas: «Importância das manifestações mediúnicas», pela dra. M. Montemaggiore (Itália), «A experimentação espírita», pelo eng. Pont (França), «O emprego das ondas da chama violeta», por A. Kunz (Suíça), «O Esperanto», por L. Fourcade (França), «A teoria espírita», pelo dr. B. Tsinoukas (Grecia). Nesta tese o autor propõe que se use têrmos espíritas com raízes gregas (por exemplo teleplastia, ideoplastia, etc.)

*Imprensa leiga* — Os jornais francêses mais importantes deram noticiário variado do Congresso, e até entrevistas especiais aos congressistas estrangeiros. «Ici-Paris», por intermédio do redator J. Palente entrevistou, ao mesmo tempo, H. Forestier, dr. K. Müller e dr. B. Tsinou-

kas, que redundou em ótima propaganda do Espiritismo no meio céptico e materialista da França. Um deles disse: «Os trabalhos do dr. Tsinoukas, do dr. Müller e do prof. Bender, etc. se relacionam com a criação de aparelhos especiais que permitam captar sinais do invisível sem precisar de médiuns. Já é possível, com aparelhos modernos, de se perceber a passagem do além, de se provar que há vida além-morte». J. Palente descreve depois os trabalhos do dr. K. Müller, de Zurich, o qual usa o encefalograma no momento em que o médium entra em transe: logo o oscilógrafo anota um estranho aumento da personalidade. Parece que dois cérebros projetam uma irradiação dupla e que os espíritos conservam integralmente as suas faculdades cerebrais. O dr. Tsinoukas, nessa entrevista, declarou: «Construímos o psicotelefone com qual nos poremos em contáto com o Além. É somente questão de tempo, pois o princípio já é conhecido».

*Exposição de fotos, cartas e documentos* — foi realizada na «Casa dos Espíritas» variada apresentação dos documentos históricos dos vultos espíritas francêses, desde Kardec até os mais recentes, já desencarnados.

*Visita ao túmulo de Kardec* — A. Dumas e H. Forestier discursaram salientando a obra do codificador.

*Exposição de quadros e peças esculturas* — lá estavam trabalhos obtidos mediúnicamente, ou que se relacionam com o Espiritismo. Havia o busto de bronze de Kardec, feito por Cappelaro em 1870, uma peça de mármore, chamada «Extase», esculpida, por inspiração, por A. B Dailon; uma cabeça de Cristo, pintada por Menanteau, um quadro mediúnico: A batalha de Maxence, por G. Fabre, do tempo de Kardec, que teria sido inspirado por Rafael; o quadro «Iniciação Egípcia», por V. Simon (esculpido na luz, por transparência). Havia ainda 5 telas do famoso médium-pintor francês A. Lesage; destas, a mais famosa intitula-se, «A colheita egípcia», e contém cenas egípcias, que foram mais tarde encontradas em um frasco de Mena, pintor da época faraônica, situado numa cidade antiga do tempo de Ramsés II (1500 AC).

Oxalá a próxima reunião, em 1960, conte com maior número de representações, inclusive do Brasil, para que através de trabalhos e reuniões sociais possa o

Espiritismo ser melhor conhecido em todas as nações do mundo, em seu tríplice aspecto religioso, científico e filosófico.



## ○ Espiritismo na Alemanha

O movimento espírita na Alemanha está vivo, ao contrário do que muitos pensam; essa é a notícia que vamos provar através das atividades de confrades nossos que prosseguem, assim, a obra dos grandes espíritas alemães como Zollner, Schrenck Notzing, Du Prel, etc.

A principal sociedade é a «Gesellschaft für Wissenschaftlichen Spiritismus» (Sociedade de Espiritismo Científico), com sede em Hanover (Alemanha ocid.) que publica uma revista intitulada: «Zeitschrift für Wissenschaftlichen Spiritismus», mensal.

Recentemente (1955) as senhoras Fischer e Scholle, desse centro, participaram de um congresso espírita em Utrecht (Holanda), com a finalidade de formarem a «Aliança Espírita Ocidental»; tal reunião contou com a presença de delegados da França, Holanda, Alemanha e Bélgica.(1)

A sra. Fischer relatou, nesse congresso, a atividade e as lutas da sociedade de Hanover, fundada em 1947 por M. Hesse, atual presidente. Diz ela que o início foi muito difícil, havendo mesmo obstáculos das autoridades governamentais, porém conseguiram fazer a propaganda do Espiritismo e fundar uma grande biblioteca. Lá há falta de médiuns, porisso precisam contar com o auxílio de médiuns estrangeiros, especialmente ingleses.

Os espíritas alemães se interessam pela parte científica ou filosófica da doutrina espírita, e muitos aceitam a reencarnação. O sr. Hesse esforça-se em desenvolver a parte social no sentido de auxiliarem material e espiritualmente as pessoas sem recursos e doentes; para essa tarefa fez um apêlo aos grupos congêneres do seu paiz.

Infelizmente, não podemos confirmar a reedição das revistas espíritas e metapsíquicas alemães, que estiveram suspensas durante a 2.<sup>a</sup> guerra mundial (1939-1945). As mais importantes revistas anteriores a 1945 são: (2)

«Psychische Studien» (Estudos psíquicos), fundada em Leipzig (1874) pelo eminente espírita russo A. Aksakof; «Die Ubersinnliche Welt» (O mundo supra-

normal), de Berlim; «Zeitschrift für Metapsychische Forschung» (Revista de pesquisa metapsíquica), diretor dr. C. Schroder; «Zeitschrift für Parapsychologie» (Revista de parapsicologia), «Sphynx» (A esfinge), etc.

Oxalá, progrida cada vez mais a sublime doutrina dos espíritos nas terras germânicas, especialmente, em tórno do reencarnacionismo e do Espiritismo codificado por Kardec.

Cicero Pimentel.

(correspondente).

### Referências:

1) «Spiritualisme moderne» — out. 1955, Liège.

2) «Rev. Intern. do Esp.» — vários números.



## Espírito que diagnostica através de médium iletrada

O *Psychic World*, de Atenas, publica um artigo em que o professor de matemática D. Papavassilopoulos narra como recebeu uma prova impressionante, quando principiou as suas investigações psíquicas. O médium era a serviçal que trabalhava em sua casa, mulher analfabeta que em estado de transe escrevia perfeitamente grego e vários idiomas estrangeiros.

Uma vez a rapariga desenhou a cabeça de um homem e escreveu por baixo as seguintes palavras em italiano:

«Eu era professor na Escola Médica de Padova, Itália, e é com prazer que lhe dou uma receita. Você sofre de paralisia incompleta do estômago e curar-se-á facilmente, se seguir as minhas prescrições».

E indicou-lhe uma dieta e certos medicamentos.

O professor Papavassilopoulos dirigiu-se ao seu médico assistente e disse-lhe que um médico amigo lhe tinha dado aquela receita. Depois de a examinar, êste confirmou a correção do documento e aprovou a dieta, embora fôsse antiquada, e disse que lhe faria bem.

É interessante saber que o investigador ateniense escreveu ao cônsul grego em Roma, que, depois de indagar cuidadosamente, informou que, na verdade, o comunicante fôra professor de Medicina na Universidade de Padova.

De «Estudos Psíquicos».

# ESPIRITISMO NO BRASIL

## Cairbar Schutel

No vigésimo aniversário de seu passamento, o «Centro Espírita Amantes da Pobreza», como nos 19 anos anteriores, realizou uma sessão comemorativa nessa data inesquecível para todos que conheceram êsse grande vulto do Espiritismo.

A essa comemoração, o Centro Espírita «Allan Kardec», e a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» prestaram a sua colaboração fraternal.

A sessão foi aberta pelo presidente da U. M. E. de Matão.

O confrade W. Campêlo usou da palavra e mencionou alguns fatos notáveis referentes ao homenageado.

A seguir o jovem prof. Sebastião Casadei de Oliveira e a menina Dalva Damázio recitaram poesias alusivas à data.

O prof. Oswaldo C. de Oliveira leu um artigo inserto na Alvorada, publicado por ocasião do passamento do homenageado.

Ainda falaram os confrades Carlos Olson, Zélia Perche e Antoninha Perche Campêlo sôbre a personalidade de Cairbar Schutel.

A sessão foi encerrada pelo presidente da U. M. E., que em breves palavras agradeceu o concurso dos presentes.

## III Concentração de Mocidades do Noroeste de S. Paulo

De 9 a 12 de janeiro último, realizou-se em Marília, a III Concentração de Mocidades Espíritas do Noroeste deste Estado, o qual contou com a presença de quase uma centena de jovens de diversas Mocidades da região (Bauru, Jau, Penápolis, Araçatuba, etc.) e de outras cidades (Curitiba, Uberaba, Barretos, São Paulo).

O Conselho diretor, presidido pelo sr. Elpidio Moreira, programou tardes de debates e de visitas às diversas obras assistenciais de Marília (Hospital Espírita, Mansão de Ismael, Lar de Crianças, Educandário Bezerra de Menezes, Lar

Amélie Boudet). As noites foram reservadas para a realização de partes artísticas musicais e doutrinárias.

No dia 12 teve lugar alegre convívio e jogo de futebol no Clube dos Bancários e à noite encerramento no amplo salão do C. E. Luz e Verdade.

A próxima reunião confraternativa terá lugar em Araçatuba, para janeiro de 1959, e contará também com o apôio do Departamento de Mocidades da USE.

*Do correspondente.*

## Grupo Espírita «EEE»

Comemorou a 14 de dezembro último, seu primeiro aniversário de atividades, o Grupo Espírita «Evangelho, Esperanto e Espiritismo» fundado em Belo Horizonte por distintos confrades mineiros.

Como indica o nome, essa sociedade tem por finalidade difundir tanto o Esperanto como o Espiritismo, e congregar todos os espíritas praticantes e simpatizantes do Esperanto. Os interessados poderão dar a sua adesão escrevendo para C. Postal 507, B. Horizonte, ou dirigindo-se à rua Guarani 315, 3.º andar, da capital mineira.

Desejamos os melhores votos de progresso à primeira entidade no gênero, das Américas, visto existir grupo semelhante na Inglaterra e na França.

## Aniversário

No dia 13 de janeiro último, a União da Mocidade Espírita de Uberaba, Minas, completou o seu 18.º aniversário de fundação.

Esta entidade que teve como seu primeiro presidente o Dr. Inácio Ferreira de Oliveira, vem realizando obra notável na Assistência Social, e na difusão da Doutrina Espírita, servindo de modelo a todos quantos desejam trabalhar na seara espírita.

À U. M. E. U., o nosso abraço congratulatório pelo auspicioso acontecimento.



## **Espiritismo e Protestantismo**

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.<sup>a</sup> edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em prol da verdade, luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço, cr.\$26,00, inclusive porte e registro.

## **“Gênesis da Alma”**

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.<sup>a</sup> edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. \$ 20,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

# Uma Grande Vida

---

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

---

## Médiuns e Mediunidades



Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinamentos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr\$.20,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.



# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor : José da Costa Filho

Redator : A Watson Campêlo

Redação e Administração  
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$ 90,00
Semestre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	150,00
Semestre	—	„ „	75,00

**NUMERO AVULSO CR. \$ 8,50**

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente  
A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro